

# **CURSO DE HOMEOPATIA UNICISTA – Vol. III**

**Palestras proferidas pelo Prof. Dr. Alfonso Masi Elizalde  
Presidente do Instituto Internacional de Altos Estudos Homeopáticos  
James Tyler Kent - Buenos Aires,  
durante o I Encontro Internacional de Homeopatia da  
Cidade de São Paulo de 24 a 26 de Março de 1995**

**GEMASI – MAR/2022**

Edição – Célia Regina Barollo



**I ENCONTRO INTERNACIONAL  
DE HOMEOPATIA  
DA CIDADE DE SÃO PAULO**

*REALIZADO NO ESPAÇO PHYSIS,  
DE 24 A 26 DE MARÇO DE 1995*

*Physis*

**Organização:**

**Dr. Paulo Rosenbaum  
Dr. Rogério A. F. Pires  
Dr. Rubens Lara Nunes**

**Edição e copy-desk:  
Dr. Paulo Rosenbaum**

**Tradução, digitação e transcrição  
Dra. Maria Flora de Almeida**

**São Paulo  
1996**

*Copyright Physis*

*Apoio cultural*



## APRESENTAÇÃO

Durante muitos anos um grupo de homeopatas e pesquisadores — entre os quais o grupo que organizou este evento — vinha nutrindo a expectativa de elaborar um encontro que realizasse duas proezas simultâneas: uma discussão ampla sobre as matérias polêmicas em homeopatia e um aprofundamento em questões doutrinárias que considerávamos inalienáveis e essenciais. Felizmente o *I Encontro Internacional de Homeopatia da Cidade* conseguiu realizar este intento. Conscientes que ainda há muito que fazer no sentido de contribuir para o amadurecimento da crítica científica — aspectos que deverão ser melhor trabalhados no *II Encontro Internacional de Homeopatia da Cidade de São Paulo* — esperamos que eventos desta qualidade possam alcançar tanto o aprofundamento como os avanços que são impossíveis de serem obtidos — pela própria natureza destes — em congressos, eventos e cursos que se pautam pelo gigantismo quantitativo. Priorizamos o enfoque e a crítica epistemológica que Masi-Elizalde vem proporcionando à Homeopatia. As recentes contribuições no campos da metodologia de estudo de matéria médica, o complexo enredo miasmático que se arma diante do processo de enfermidade, os critérios semiológicos e suas respectivas técnicas de prescrição, assim como um modelo antropológico apropriado para a homeopatia são alguns dos assuntos com os quais temos nos defrontado na docência homeopática.

O retorno a um enfoque hahnemaniano para a Homeopatia revela uma reflexão aparentemente óbvia se considerarmos — para levar esta discussão adiante — a parcela mais popular da obra de Hahnemann : o seu *Organon da Arte de Curar*. Porém se entendermos o enredo de forma mais ampla ao considerar os avanços inéditos para o saber que ele proporcionou à arte médica quando sistematizou a Homeopatia, e a considerarmos não como um “sistema terapêutico” mas como uma verdadeira cultura médica com um amplo *corpus* de saber teórico-prático acumulado — inserida e instalada

consistentemente na história científica — descobriremos que é imperioso que este saber deva ser vasculhado em toda a obra de Hahnemann: nas suas “obras completas”.

Limitarmo-nos a entender a Homeopatia pelas maravilhosas porém insuficientes instruções do *Organon* significa restringi-la. É necessário compreender a extensão do *corpus* hahnemaniano assim como o de seus mais destacados colaboradores e discípulos — que entenderam a Homeopatia a partir da leitura e compreensão de toda sua obra. É importante no entanto deixar claro que ela é um meio, literalmente um instrumento (*organon*) e jamais encontrará seu *desideratum* como um fim em si mesma; ela deve existir para servir e auxiliar o homem, e sabemos como ela pode cumprir este fim de forma brilhante. A partir desta compreensão é necessário discuti-la com as outras disciplinas do conhecimento, estabelecer uma autocrítica correta, critica-la nas suas fragilidades metodológicas e conceituais e até antecipar-se naquelas que inexoravelmente irromperão. Tudo isto para finalmente aplicá-la naquele que parece ser o seu mais nobre destino: a *praxis* clínica homeopática. Assim estaríamos finalmente cumprindo o desejo que Hahnemann exprimiu em seu texto “*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*” no sentido de aumentarmos o “conhecimento empírico da vitalidade”.

Enfim neste ano histórico em que celebramos os 200 anos da fundação das bases metodológicas da Homeopatia — redundante dizer que geralmente a homenagem fica aquém do homenageado — queremos comemorar esta verdadeira façanha que significa a sua expansão, alavancando-a com mais trabalho e pesquisa.

É nesta atmosfera que o ESPAÇO PHYSIS visualiza um futuro para a discussão da Homeopatia, e é com este espírito que apresentamos esta apostila aos leitores.

São Paulo, março de 1996

Dr. Paulo Rosenbaum

Antes de mais nada eu queria dizer que para mim é uma grande alegria ver-se concretizado esse lugar em si, um espaço livre, que desobrigando-nos do compromisso com qualquer escola podemos finalmente dizer que encontrar um lugar, uma casa na qual poderemos aprofundar, aonde poderemos discutir algo que realmente está começando na homeopatia; a posição de que partimos é de que essa medicina está recém nascida. Recém cumpriu 200 aninhos, para uma disciplina científica isto não é nada, e nós, os homeopatas temos cometido o erro de considerá-la uma medicina terminada, e isto está muito longe de ser assim.

A idéia que temos, não somente nas discussões a nível teórico, é que se não tivéssemos começado a fazer, aqui nesta casa, a discussão de caso clínico com o objetivo de tratar, de realizar na maior quantidade possível essa medicina, essa homeopatia altamente profunda que tem como objetivo a enfermidade individual, que tem como sentido de sua terapêutica levando o homem a uma atitude existencial livre de deformações subjetivas que pudessem mudar sua apreciação da realidade, enxergassem o mundo diante de uma realidade equivocada, à luz da mancha que tem em sua imaginação, quer dizer, "literalmente" ninguém.

Temos vindo e realizando aos poucos esta tarefa, e peço a todos a colaboração no sentido de apontar casos clínicos que são difíceis, que permitam estudo, e já em alguns países estamos conseguindo, quer dizer, assistir à cura de entidades clínicas, graves, gravíssimas, com modificações da problemática existencial profunda que é o que deveríamos considerar o "curar" do paciente, ou seja cumprir o *desideratum* de HAHNEMANN, e temos tardado muito a cumprir estes objetivos por diversos motivos que vamos analisar.

Alguns de vocês me conhecem, outros não, então quero dizer que minha pessoal maneira de encarar a docência é fundamentalmente polêmica médica, quer dizer não tenham problemas de interromper meu discurso e expor vossas dúvidas e vossas objeções porque parecem tolas. Uma coisa conhecida está acontecendo na recém nascida homeopatia, nenhum de nós pode "*ad judicare*" a mestria em uma disciplina que estamos fazendo entre todas, então "*magister dixit*"

para mim não existe, há quem tenha trabalhado mais, tenha mais experiência, tenha mais anos, tenha se confundido mais. Troquemos opiniões, vejamos o que ocorre, o que temos entre as mãos, porque assim estaremos seguros que a Homeopatia nos promete algo que é uma maravilha, um *desideratum* terapêutico para o ser humano e o que nos corresponde tratar de levar adiante.

Sobre as coisas que eu opino já se trabalhou muito, como verão vocês, como poderemos demonstrar nesses dias.

Eu digo, sobretudo junto desta prática que temos tentado fazer — baseados numa releitura de HAHNEMANN — que é o que convenciamos chamar de 3º nível, ou homeopatia miasmática.<sup>2</sup>

Não dizemos que podemos fazer todos os dias com todos os enfermos, por uma simples razão, não temos patogenesias, nós temos muitas porém má estudadas, com algumas honrosas exceções possuímos inúmeras substâncias naturais, a idéia de HAHNEMANN é que toda substância natural submetida ao processo de dinamização se converta em um remédio para um determinado grupo de pessoas. Quantas substâncias nos faltam para experimentar? Então na ausência de arsenal terapêutico suficiente, não podemos nunca deixar de ser, não digo já terapeutas. Não podemos deixar de ser médicos homeopatas, porque nos depararemos com muitos casos que devemos suprimir com alopatia. Porque não tenho nem elementos para curar realmente com *simillimum*, nem elementos para suprimir homeopaticamente, então todas essas atitudes um tanto fanáticas devem ser deixadas de lado de entrada, se queremos ser médicos com alguns conhecimentos de homeopatia, esta é a realidade. Não podemos dizer que somos médicos homeopatas, somos médicos com alguns conhecimentos de homeopatia, que em alguns casos veremos brilhar esse *desideratum* terapêutico e em outros casos teremos que suprimir sem efeitos colaterais, salvo as metástases mórbidas que evidenciarão de forma indiscutível se suprimimos, e em outros casos suprimiremos como alopatas.

Então, vejam vocês que já nessas primeiras palavras mostro uma atitude muito distinta daquela que pretendem por em suspeição toda aquela gente que combate minhas idéias. Vocês saberão que eu já nasci

na homeopatia, porque meu pai era homeopata kentiano, depois de haver praticado por alguns poucos anos uma homeopatia francesa ou homeoterápica e que depois, graças sobretudo ao estudo de GATHAK o grande discípulo de KENT, converteu-se em Kentiano. O elemento da inteligência de meu pai lhe permitiu essa conversão, essa adesão às idéias kentianas.

A intuição, isto somente desde quando se produziu uma separação entre PASCHERO e ele, de um pequeno grupo de kentianos se dividiram entre PASCHERO para um lado e meu pai e Fish pelo outro, foi esse o motivo dessa cisão, dessa separação, a tentativa da interpretação da homeopatia feita por PASCHERO, à luz da psicanálise "freudiana" e Fish e meu pai que diziam que o homem é outra coisa, tem espírito, e como o espírito é o nível superior dessa unidade é na problemática do espírito onde devemos rastrear, onde devemos buscar a origem da enfermidade e não na instintividade, que é secundária, que está subordinada a essa outra problemática de índole mais nobre. Vocês me perguntam por que? Não saberei dizer, vou dizer que é uma questão absolutamente intuitiva. Mas eu não podia me conformar com isso. Então é nessa revisão crítica da Homeopatia que tenho empregado toda a minha vida.

Essa revisão crítica nos tem levado a algumas grandes conclusões: a primeira eu creio que é básica, porque nela se encontra a origem de todas as discussões que temos, as divisões da Homeopatia. Se leio HAHNEMANN como se sua obra fora o resultado de toda uma vida dedicada ao estudo, quer dizer: passei 70 anos estudando e minhas conclusões são essas. HAHNEMANN vai colhendo, e daí as sucessivas edições e modificações do ORGANON. HAHNEMANN vai colhendo, tendo uma evolução de idéias e essa evolução seguia com parâmetros que vão variando no transcurso do tempo, e essa variação é clara enquanto o conceito de enfermidade, mas é sutil, é difícil de captar como grande elemento para chegar a suas conclusões. Quer dizer, o medicamento começa trabalhando com matéria e termina trabalhando com energia pura.

Isso nós sabemos, temos resultados experimentais, que ele instrumentaliza com objetividade, mas que ele não se anima a sentir-se na cátedra, por que não tem o elemento necessário, nem de Física, nem de Química para fazê-lo.

Então porque cai a obra hahnemaniana na homeopatia?

Porque isso é uma verdade, no começo de suas investigações lhe parecia uma verdade absoluta, havia chegado a um *desideratum*. Havia convertido em lei o

princípio hipocrático dos semelhantes.

Havia comprovado a efetividade das doses infinitesimais, havia descoberto que elemento parte se agia assim, muitos séculos antes que a única forma de conhecer as verdadeiras propriedades terapêuticas das substâncias era a experimentação no homem sã e havia introduzido o que possivelmente seja um dos grandes suportes da homeopatia homeoterápica, que era privilegiar as modalidades pessoais sobre os sintomas patognomônicos, quer dizer, havia encontrado uma medicina da forma clínica, e não uma medicina da integridade nosológica. Isso, na verdade podia ir "deixando", penso que....como via que as curas pela homeoterapia eram transitórias, que havia recaídas, ele viu que a enfermidade previamente tratada fora substituída por uma enfermidade num plano mais profundo e começou a elaborar seu conceito de PSORA, que era o que comandava essa persistência da patologia no ser humano. E como lhes dizia, por outro lado lhe as patogenias lhe mostravam como deixa consignado claramente por exemplo - no parágrafo 112 do ORGANON e também no parágrafo 170 (270) e 116 e na medida que vai aumentando a dinamização, os resultados experimentais se afastam do que são os parâmetros de observação da medicina comum. Quer dizer, os sintomas mais peculiares, os sintomas mais característicos se apresentam num menor número de experimentadores.

Não é o mesmo que pretende a medicina oficial, se aceitar como ação terapêutica de determinado feito tem-se que ter um elevado número de experimentadores. HAHNEMANN considera que o que realmente lhe dá a pauta da individualidade são aqueles poucos sujeitos que reagem ao estímulo de determinadas substâncias. A homeoterapia derivada da homeopatia é uma maravilha em comparação com alopatia, por que? Porque vou ser mais efetivo como médico, porque vou poder curar coisas que a medicina oficial não cura e porque quando faço supressão, vou conseguir sem os efeitos secundários; quer dizer, se eu curo sem intervenção cirúrgica uma apendicite supurada, com um medicamento, com um tropismo à inflamação da serosa como pode ser *Bryonia alba*, em comparação com a alopatia, isso é uma maravilha médica.

Eu tenho que relegar isso. Agora, isso é o efetivo, tampouco eu posso negar que não conhecer que a homeopatia, todavia, me oferece uma oportunidade de curar essa apendicite supurada por ação sobre o que determinou que esse sujeito tivesse que fazer uma apendicite supurada. Quer dizer dar o *simillimum*, mas isso é muito difícil, então, se tenho numa etapa

intermediária entre a grosseira alopatia e uma medicina homeopática de terceiro nível, miasmática, como médico isso é uma maravilha, não posso renegar a homeoterapia, mas cuidado, que por defender a homeoterapia que é mais fácil de captar conceitualmente não trato de negar a existência da homeopatia mais profunda que é o que vemos em muitas comunidades homeopáticas.

Por que? Porque sua mentalidade está formada nesses parâmetros, então, como o espírito da força vital não pode ser detectado por uma ressonância magnética ou por uma biópsia, preferem nega-la.

E os que tratamos de começar a manejar essa dimensão do ser humano, "divagamos" e a apresentamos como uma "medicina especulativa". Então caímos no que é realmente um disparate: "Nós praticamos uma homeopatia científica". O que quer dizer "nós praticamos homeopatia científica?" Dito sem recursos, nós praticamos alopatia por intermédio dos semelhantes. E isto é científico porque está tudo feito de acordo com os parâmetros do pensamento positivista e mecanicista. E aqueles que praticam "homeopatia filosófica", e dão um tom pejorativo à "filosófica", coisa que não posso entender, porque filosofia trata da causa única dos fenômenos que os sentidos nos apresenta, então como se pode tomar ironicamente pejorativo o termo "filosófico", realmente eu eu não posso entender.

Então, nós os que tratamos de aprofundar-nos nesta disciplina somos uma espécie de delirantes, e como eles vão buscar quais são as substâncias que tem um tropismo hepático para tratar as cirroses, são "científicos".!!! Para poder manter esse critério, negam os fatos. Por exemplo um dos grandes, e vocês me desculpem se eu caio num excesso de qualidade e não dou nomes; um dos grandes mestres da homeoterapia — vou tratar de não dar nomes — têm horror da homeopatia filosófica e louvam o que acham que é uma "homeopatia científica".

Pois bem este indivíduo apresenta um caso na Revista da Organização Mundial Internacional Homeopática, (OMHI) expressão da sua linha internacional, que agrupa os alopatas e homeopatas e apresentam um caso de "pênfigo" curado com homeoterapia, pouco tempo depois da cura brilhante o enfermo faz uma leucemia que o mata. E não encontram uma relação causa-efeito entre a supressão do "pênfigo", uma enfermidade da pele e a afecção do sistema linfático.

A tal ponto que isso leva um muito bom homeopata belga — Cochrane - que contesta esse artigo na Revista Belga de Homeopatia, perguntando: "Diga-me dr.Fulano esse enfermo não era mais que uma grande pele? Por que estão repertorizados só os sintomas de pênfigo? Prurido ardoroso, erupção com bolhas,

todos os sintomas de pele, então para vocês esse homem não era mais que uma pele? Não tem outra coisa que o constituía? Porque se houvesse, conviria ver que o Sr. deveria fazer uma parada em sua prática para perguntar-se o que está fazendo."

Esse mesmo médico muitos anos já, nos apresentou na Associação Médica Homeopática Argentina, um caso de leucemia que me chegou num estado sumamente grave e teve uma melhora espetacular, não somente no ponto de vista clínico, mas também no ponto de vista hematológico, com normalização de todos os parâmetros, nesta evolução faz uma varicela fortíssima, gravíssima, a tal ponto que nesse homem parecia varicela e não varicela. E o que é que fez? Tomou os sintomas dessa varicela, deu-lhe o medicamento correspondente e depois o paciente morreu. Que pretendia fazer o organismo de acordo com a lei de cura hahnemaniana? Para liberar-se de uma leucemia fez uma gravíssima enfermidade de pele. Não há supressão como a de um medicamento homeopático. E quando dizem que HAHNEMANN falou de supressão pelo medicamento homeopático, quando ele cita as ENFERMIDADES CRÔNICAS, em que HAHNEMANN diz claramente: "Cuidado com o medicamento que provoque uma melhora muito rápida sem agravação inicial, porque provavelmente esse medicamento está agindo de forma enantiopática e paliativa e assistiremos depois um recrudescimento numa afecção de saúde muito mais grave."

E disseram num Congresso em outra cidade que nós não nos podemos guiar por autores do século passado e HAHNEMANN é um "autor do século passado"!

E eles são "científicos" porque eles tem mais análises do que nós; são "científicos" porque se esse paciente tem a "sensação de ser um inútil", sensação de que nunca vai poder triunfar na vida por mais que faça, bem essas coisas são especulativas, o importante são as características do pênfigo que tinha.

Mais vá bem, especulação, filosofia, isto porque a Faculdade de Medicina ainda não nos ensina outra coisa que o corpo do homem. Fiquem certos de que um disparate desses... por exemplo na Faculdade de Medicina de Buenos Aires se introduziu a psicologia como matéria em 62/63 e estudamos psiquiatria para sabermos a normalidade da psiquê humana na matéria "Patologia". Inclusive havia quem aceitasse e proclamasse que a homeopatia chegou a recuperar o nome completo, porque foi a primeira medicina psicossomática. "Slogan". Porque o homem não é simplesmente uma unidade psicossomática, mas uma unidade de espírito-

psicossomático. Mas o espírito, a alma sensitiva não pode ser medida, então não é "científico".

Então quando nos apresenta uma homeopatia que tem acertado, como acerta a homeoterapia, como acerta VICTOR FRANKL, a necessidade de investigar, entrar no espiritual do homem, como causa única de toda sua patologia, estamos especulando. Somos "homeopatas filósofos", e isso é um pecado mortal. Vou repetir, porque preciso deixar algo bem claro, não estou exigindo que sempre — em todos os casos clínicos — podemos trabalhar atuando sobre o drama espiritual, porque não temos suficiente medicamentos estudados a tal ponto que nos permita fazer isto. Esta é uma questão absolutamente prática, e como disse muitas vezes, vocês não se entrem um dia e depois digam: "Ah! Masi quer coisas do espírito, etc..." E é possível que achem uma receita minha em que dei uma 3a. decimal de *Cardus marianus* ou uma 3a. Decimal de *Chelidonium majus*. Porque se não pude encontrar o *simillimum*, para esse paciente nem sequer pude encontrar o parcialmente similar organotrópico para aliviá-lo, e interessado em dar um medicamento homeopático, com menos efeitos secundários, resolvi drena-lo. Que tem isso a ver com a certeza de que o futuro da medicina deve estar orientado pelo sentido de compreender o homem de forma total e completa. ?

Em outro sentido, a maravilha médica de poder suprimir a pólio sem deixar seqüelas neurológicas como fizemos em Buenos Aires. Se não tenho elementos suficientes para curar essa pólio com ação do *simillimum* como médico, vou ficar encantado em poder suprimi-la e não deixar as crianças paráliticas.

Mas esse fato clínico não tem que me cegar como para encastelar-me nesse logro, superior á alopatia, que é a homeoterapia, e não chegar a fazer realmente homeopatia.

Então, esta leitura, da obra de HAHNEMANN, tendo em conta, que estamos relatando etapas evolutivas, que temos que saber subordinar á variação dos parâmetros de observação, determinada pela variação dos elementos experimentais por HAHNEMANN, como dizia claramente no parágrafo 270.

E isto permite estabelecer as distintas variantes, nas distintas melhoras a que HAHNEMANN chegou como a mais emblemática da homeopatia.

Nesse sentido, não foi feito nada em comparação com a alopatia, mas não é nada em comparação com a homeopatia, com a consideração do problema individual.

Por consideração recorde que um grande homeopata e psicanalista junguiano como RENNÉ ALLENDY dizia no final de seu livro "Ensaio Sobre a

Cura", algo muito importante sobre a cura : "quando a medicina terminar de resolver os problemas relativos ao afetivo e os emergentes do id perturbado, vai aumentar enormemente seu campo, porque por atrás de tudo isso, então a tarefa será a de encontrar o drama metafísico espiritual do homem, até agora limitado a "intuição" dos crentes até agora ligado á intuição dos presentes, mas um dia com novos estudos e investigações poderá ser submetido á disciplina do pensamento lógico."

Isto é o que estamos tratando de fazer, avançar neste sentido, tendo de vez em quando algum caso clínico que não permita controlar a realidade de tudo isto, e sabendo como devemos fazer progredir realmente a Homeopatia, tratando de experimentar todas as substâncias que puder.

Assim, por exemplo, a "Associação Francesa para o Aprofundamento da Homeopatia Hahnemanniana" me mandou outro dia um verdadeiro presente, que para mim foi uma maravilha, a presidente da Associação, Dra. Fayeton, decidiu que cada vez que um enfermo lhe parecia ter como *simillimum* um remédio de víbora, *Lachesis trigonocephalus*, *Naja tripudans*, *Crotalus horridus*, e *fracassava*, lhe dava a provar uma outra víbora (*toxicofis*) mesmo que não tenha nenhuma experimentação patogénica. Mandou fazer um medicamento dessa víbora, que não foi experimentado nunca, teve sete fracassos com esse procedimento e um final e um êxito de cura (ou supressão, não sei). Mas foi extraordinário, era um caso gravíssimo de neurose obsessiva. Resultado: temos um novo medicamento de origem ofídica . Porque se lhe ocorreu esta víbora, temos que saber como preparou a dinamização, que método se empregou, onde vive a víbora, quais são os hábitos da víbora, etc, etc...

Isto para podermos fazer uma crítica e tentar uma compreensão, porque temos visto na revisão que realizamos na *Matéria Médica*, a absoluta analogia entre os problemas profundos do paciente e a forma de vida da substância que é o remédio. Então, este foi o primeiro logro permitido pela revisão crítica, poder estabelecer uma divisão clara entre a homeoterapia e a homeopatia.

Quem irá fazer isso poderá entender os colegas que são homeoterapeutas, porque por formação, por rigidez intelectual, por falta de intuição, por falta de cultura, não podem jamais chegar a ser homeopatas. São alopatas que utilizam o sistema terapêutico homeoterápico porque usam um único conceito de enfermidade para um mesmo esquema antropológico, mas são alopatas e vou repetir: por isso podem enganar-se de ser "científicos", por estar de acordo com o positivismo, com o mecanicismo, que desgraçadamente



é o que tem predominado na medicina até agora.

O segundo grande resultado dessa revisão foi haver podido entender, haver podido fundamentar uma frase que se “deslizava” nos clássicos, mas não se achava uma explicação lógica. Existem três miasmas agudos, mas a enfermidade é uma só. Vejam: 3 enfermidades são uma só. A leitura com esse sentido crítico de Homeopatia permite encontrar no prefácio da 4a. edição a explicação de porque sustentam os clássicos, de que não há mais que um miasma. Que quando HAHNEMANN disse que a verdadeira enfermidade é a “alteração mórbida da força vital”, todas as demais, que nós conhecemos por enfermidade são simplesmente “os esforços miseráveis e muito incompletos que faz a natureza para tratar de solucionar esse problema”.

Ao mesmo tempo isso me mostrou que os homeopatas fizeram uma má leitura de HAHNEMANN. Por que? Porque antes leram ORTEGA, PASCHERO, que sustentam que as ENFERMIDADES CRÔNICAS se originam da supressão das manifestações superficiais, a supressão da escabiose, a sarna, a supressão do condiloma, a supressão do cancro. HAHNEMANN jamais disse isso. Em tal lugar do ORGANON diz que o miasma já invadiu totalmente o organismo antes da menor manifestação, e essa manifestação tem um sentido vicariante. E ao suprimirmos, agravamos algo que já existia, mas não o criamos.

Vamos ao 2º passo do raciocínio que trouxe esta idéia. Como dizia HAHNEMANN, para poder afirmar que o miasma havia invadido o organismo quando não tinha nenhum elemento clínico para dar a patologia, como podia ser tão determinante: o miasma já estava presente! Como detecta o miasma? Antes do cancro, antes do escabiose, antes do condiloma?

Esta explicação se encontra em um parágrafo que aparentemente fala de outra coisa, fala de como seguimos a evolução do paciente, mas nos fala claro para entender o parâmetro mais seguro para podermos estabelecer como está evoluindo o paciente, é o seu estado mental e sua atitude moral. Portanto, com essa afirmação temos todo o direito do mundo de afirmar que seu critério de miasma vai muito mais adiante do que uma determinada impregnação da diátese, em certo sentido lesional: O miasma é uma atitude existencial. Coisa que nenhuma escola detectou em homeopatia. Quem chega a aceitar um critério absolutamente patológico, suprimo um condiloma, impregno a diátese com uma tendência hipertrófica, suprimo um cancro, impregno a diátese com uma tendência destrutiva, mas resulta que não... que para HAHNEMANN a tendência destrutiva é anterior à lesão clínica vicariante e que determinava a apresentação de um condiloma hipertrófico, é que uma atitude

existencial, do tipo destrutivo, seja para nós mesmos, seja para os demais, determinava a lesão, que só fora a expressão de sua fúria destrutiva, o homem era destrutivo, então sua lesão tinha que ser exatamente igual à sua atitude.

P- Onde trabalho tem muito paciente com AIDS, e esses pacientes todos, praticamente todos tem em sua história uma doença venérea, alguns anos atrás, muito freqüentemente e isso a gente percebe claramente, o paciente que teve sífilis, eles já eram destrutivos desde a infância, isso fica muito claro, se faz a história fica muito claro que os que tiveram sífilis, que já eram auto destrutivos ou destrutivos para o outro. Agora, tenho a seguinte dúvida: também é muito freqüente a gente encontrar pacientes que apresentam blenorragia e sífilis ou condiloma e sífilis ao mesmo tempo, como a gente poderia dar.....

R- *Uma noção que é fundamental para se ter em conta, é que os tempos são distintos para uma atitude existencial e para a adaptação orgânica a essa atitude existencial. Quer dizer, se eu durante 50 anos de minha vida, tive uma atitude existencial hipertrófica, de domínio do meio, de impor-me ao meio, meu corpo pouco a pouco foi manifestando os estigmas correspondentes às atitudes, tenho verrugas, tenho condilomas, mas de acordo com o que denominei dinâmica miasmática, o meio, que não é passivo, pode me impedir de ter êxito em minha atitude reativa. Nesta hora eu deixo de ser um exitoso sicótico; mas, em que circunstâncias o meio me enganou, eu já como sicótico não triunfo, então o que ocorre? Entro em crise psórica porque já a atitude sicótica não me serve para acalmar minha angustia psórica, há uma crise psórica e a resolvo mudando de miasma, por exemplo: a sícoze não me serve vou me fazer sífilítico e num processo racional subliminar. \*\*\*? então meu corpo, para eliminar esses estigmas de tipo hipertrófico, necessita muitíssimo mais tempo, que necessito para mudar minha atitude frente a minha relação com o meio, então durante ano vou seguir tendo verrugas, mas vou estar atuando como sífilítico.*

*Esta é uma das explicações de câncer iniciando com úlcera ou das ulcerações dos cancres, uma mudança na relação com o meio, quer dizer, por isso temos que ter em conta, voltando para o que acabamos de dizer, que a enfermidade é uma só, que o que temos considerado de enfermidades distintas, inclusive do ponto de vista homeopático e miasmático, é que são etapas cronológicas.*

Quais são as etapas da enfermidade única: 1ª- a angústia existencial que temos no inconsciente, o que poderíamos denominar, e com isto, Deus me livre, os escândalos que provoço cada vez que o digo, nossa participação individual no pecado original, na alteração de imaginação. Isto mancha minha imaginação, como o diz o termo PSORA, mancha, suja minha imaginação em determinado aspecto. Apenas suja minha imaginação e minha apreciação da realidade é falsa. Eu creio que meus pais não me querem, se o pergunto, se o médico pergunta a meus irmãos: não, meus pais o queriam mais a ele. Eu não detectei que me queriam. Por que? 2- Porque a mancha de minha imaginação me impediu. Muito bem, com esta deformação da realidade determinada pela mancha, tal aspecto dessa realidade para mim está deformado. Creio que esse meio por tal e tal motivo me agride, e desperta minha angústia, então, num primeiro momento não sei o que fazer, como me defendo. Trato de agredir ao meio, me encerro em mim mesmo, domino o meio; como isso não gosto, não me dá satisfação, então eu mudo, que é a 2ª etapa que é denominada PSORA.

Quer dizer, quando o indivíduo não toma uma atitude definitiva em sua luta equivocada contra o meio, porque o meio em realidade não nunca, nada. Então, isso justifica o que diziam os clássicos, inclusive ao encontro de HAHNEMANN: a PSORA não produz a lesão. Por que? Porque não dá tempo do organismo adequar-se à atitude equivocada que muda permanentemente. Então, tomemos um exemplo grosseiro: se eu submeto um território tissular a uma vasoconstrição duradoura, esse território tissular vai à necrose. Se o submeto a uma vasodilatação duradoura vai à hipertrofia, à hiperplasia, por afluxo sanguíneo. Mas se alterno rapidamente vaso constrição-dilatação, constrição-dilatação, o território sofre pela irregularidade de débito mas na soma desses movimentos acaba recebendo quantidade de sangue correta e nem se necrosa nem se hipertrofia.

Esse seria o exemplo, dito assim, graficamente do que é essa segunda etapa. Quer dizer, a indecisão em adotar uma atitude definitiva.

E depois vem a 3ª etapa a PSORA terciária em que me decidi. Por que me decidi? Me decidi porque encontrei a casualidade em que tomando tal atitude tive êxito em mascarar minha angústia. Então isso gera um hábito, na próxima vez em que me encontro numa situação aparentemente agressiva do meio digo: - da outra vez foi bom atuando assim, vou fazendo assim. E pouco a pouco ou fazendo de maneira mais automática, e mais generalizada, quer dizer estruturei a atitude e permito que o corpo se adeque a essa atitude. Por isso é

na PSORA terciária que HENRY ALLEN, KENT e todos os demais admitem, que haja lesões. Contra o que disse HAHNEMANN que nos fala na lista de enfermidades psóricas evidentemente lesionais.

HENRY ALLEN e KENT aparentemente contradizendo HAHNEMANN tiram da PSORA toda a capacidade de lesar. Por isso que eu mudei a nomenclatura falando simplesmente da PSORA primária, secundária e terciária. E a PSORA terciária também lhe mudei os nomes porque manter "sycosis" manter "sífilis" iria manter a imagem da lesão vicariante do anatomopatológico, e deveríamos buscar aí um termo que, sem deixar de lembrarmos o sentido da atitude, se é existencial, se é lesional, enfim nos mostrasse em primeiro plano essa atitude existencial.

Então inventei os termos **egotrofia** no lugar de sycosis, aumento do eu; **egolise**, destruição do eu e **alterlise**, destruição do outro.

Quando alguém começa a fazer uma análise crítica encontra-se com a coincidência de muitos pensamentos que nada tem a haver com homeopatia. Assim, por exemplo, isto que acabo de falar sobre a noção de tempo, para entender a aparente contradição entre a atitude existencial e a atitude lesional está muito claramente dito por RENNÉ LERICHE autor do livro base para fisiologia cirúrgica, tem todo um capítulo sobre noção de tempo em medicina, onde nos ensina a aceitar a relação causa-efeito, com 15 anos de diferença entre o fator desencadeante e o resultado, que eu saiba RENNÉ LERICHE de homeopata não tinha nada.

P.- Como de explicaria coexistência do condiloma e da sífilis?

R.- *O condiloma, de acordo o qual seja o momento atual do sujeito, se o sujeito é assíduo com o que se chamava sicótico, e eu chamo egotrófico, e deixou de sê-lo, esse condiloma não tem vigência, não tem vitalidade, não progride, e o que o impede de progredir é o destrutivo. Esse é o grande erro dos homeopatas organicistas, que pretendem estabelecer diagnóstico miasmático pela lesão orgânica, pois se tem verrugas, ah! é sicótico. Mas não! Este indivíduo foi sicótico, esse é um traço que tem de sua época de sicótico, algo que ele tem que aponte a atitude a que esteve sujeito, e depois vai ser valorizado mais a ulceração que o condiloma, e vai permitir obviamente, seguir a evolução do sujeito se lhe foi dado algum medicamento, se lhe foi dado um similar parcial e o que lhe sucede, inclusive a nível somático.*

Agora para terminar de compreender essa posição de considerar a enfermidade individual, vem o terceiro resultado de toda essa revisão crítica, que para mim é o

que permitiu realmente entender e eficácia da homeopatia nesses 50 anos. Antes disso não havia entendido a homeopatia e discutia na rua, lamentava pelas contradições, pelas obscuridades, pelas afirmações, que não eram seguidas por fundamentações lógicas que faziam os clássicos, que fui descobrir por casualidade esse esquema diferencial antropológico seguido por HAHNEMANN.

Quer dizer, desgraçadamente vai saber porque estratégia equivocada HAHNEMANN nunca declara qual é sua escola antropológica, e nós médicos não temos cultura filosófica para descobrir: ah! HAHNEMANN fala assim porque está seguindo fulano de tal.

Não sabemos filosofia, não nos ensinam na Faculdade, como foi essa casualidade que lhes acabo de dizer, muito primitiva, HAHNEMANN fala da alma, alma e eu o que sei de alma? Não sei nada - sou médico. Sei do coração, do pâncreas, do testículo, mas de alma não sei nada, mas aqui há uma medicina que fala de alma, tem que estudar a alma, mas aonde estudar a alma?

A alma se aprende através da psicologia. Vamos fazer uma pesquisa, por qual escola psicológica resultou uma psicologia exatamente igual a homeopatia, quer dizer: vamos às fontes.

Qual a única escola que não foi debatida e que não mudou nada? A escolástica. Eu estudei a psicologia escolástica, obviamente a escolástica me levou a S.TOMÁS DE AQUINO. Estudei S.TOMÁS DE AQUINO.

Quando chego a questão 91 da suma, artigo 3º respondendo a objeção 2ª encontro que S.TOMÁS disse: - "de todas as criaturas o Homem é o que nasce mais indefeso, porque não tem plumas, porque não tem garras." Isso eu não tinha lido antes, como poderia ter lido se eu não li S.TOMÁS. Nunca o disse HAHNEMANN e eu o li todo com atenção, porque cada tema de remédio implica na leitura da patogenesia, se tem 60 temas lê-se 60 vezes os remédios. Também essa revisão crítica me levou a ler muitas vezes o ORGANON, as ENFERMIDADES CRÔNICAS e os "Escritos Menores". Nos "Escritos Menores" encontro a "Medicina de Experiência", no 1º parágrafo HAHNEMANN diz: - "de todas as criaturas criadas o Homem é o mais indefeso porque não tem plumas, porque não tem garras, porque não tem dentes, mas, - isso certamente é S.TOMÁS - para suprir essas deficiências de nascimento, de natureza, Deus havia dado seu espírito em suas mãos para poder suprir essa inferioridade natural". O termo é exato para definir o que disse HAHNEMANN, e dado que ele não disse: eu sou um aristotélico-tomista, por uma identidade nos exemplos, por uma identidade nas conclusões de HAHNEMANN aumentar o número de exemplos na "Medicina de Experiência", seria plágio? Não seria plágio se HAHNEMANN nos dissesse, como disse S.TOMÁS, em cujas idéias aceito, mas não disse nada, então ele está

plagiando, uso o termo plágio para que vocês tenham a evidência da identidade absoluta de pensamento. Então voltei a ler novamente todo HAHNEMANN à luz da seguinte hipótese: HAHNEMANN era Tomista? E pela primeira vez da minha vida entendi a homeopatia. Porque o que disse no prefácio da 4ª Edição é o que disse S.TOMÁS ao longo de toda sua *Suma Theológica* de que pela transgressão original a natureza diminuiu suas potencialidades e o que era antes integridade, quer dizer, que todo o necessário para o elemento casualmente selecionado reconstituir-se "*ad integrum*", que é a mesma "*vis medicatrix naturae*", aí entendi porque esse aparente paradoxo de HAHNEMANN: Respeite a "*vis medicatrix*" mas não a imite. Porque ao contrário do que disse ORTEGA, no seu precário conhecimento filosófico, HAHNEMANN jamais defendeu a "*vis medicatrix*", ao contrário ele a detesta. Porque disse que a "*vis medicatrix*" é quem cria a entidade clínica por ficar na metade do caminho, por não terminar o que faz, então não se pode imitá-la, porque vai criar outra enfermidade. E porque tenho que a respeitar? Porque pelo menos estima a direção correta mas não tem força suficiente para cumprir o que deve. Então respeite-a mas não a imite. Isto me permitiu entender — ao lê-lo à luz do tomismo — porque HAHNEMANN propõe a única medicina com o sentido finalista, como é essa posição tomista. O famoso parágrafo 9, que todo o mundo declama, porque é muito lindo, porque tem palavras importantes, todos já ouviram "o transcendente fim da existência", ninguém sabe nada desse parágrafo 9.

No parágrafo 9, nem mais nem menos, HAHNEMANN está subordinando a saúde ao cumprimento de um objetivo, quer dizer, a saúde não está aí porque sim, saúde tem que cumprir uma finalidade, e se não a cumpre como todo órgão que não se use, ou se cumpre mal, como todo órgão que se use perversamente, se perturba, deixa de ser saúde para ser enfermidade, porque não a usam para o que devia; já entrei nas especulações filosóficas.

Mas atenção ao que estou tratando de fazer não é comprovar que S.TOMÁS tinha razão, o que quero saber é o que realmente dizia HAHNEMANN, porque se deixou intocado os axiomas de HAHNEMANN

O que quero saber é o que chamaria realmente de homeopatia ortodoxa. Depois se se quiser discutir que a homeopatia ortodoxa de HAHNEMANN está equivocada isto é uma outra coisa.

---

Vejam vocês, formas reversas de discussão complicam cada vez mais todo esse problema de esclarecimento. Existem muitíssimas escolas antropológicas ao longo da história do Homem, pre-

tender, e dizem como pretende Masi, porque não tem medo a polémica e porque sou um pouco cáustico, pretender atar a homeopatia ao aristotelismo-tomismo redutor, o que você está dizendo? O que eu estou dizendo: olhe o que eu descobri: HAHNEMANN é aristotélico-tomista. Eu disse aos senhores, olhem essa prova, essa prova, essa prova, que mostram que HAHNEMANN pensava como um aristotélico-tomista, portanto para entender realmente o que quis dizer, para entender seu homem, para entender seu conceito de enfermidade, para entender seu conceito de saúde tenho que lê-lo à luz do aristotelismo-tomismo, isto é o que eu estou dizendo, eu não estou atando a homeopatia ao aristotelismo-tomismo.

Então qual é a via correta? Esse senhor que escreveu no Informativo da Associação Paulista de Homeopatia (APH); não diga é reducionista tratar de atar a homeopatia ao aristotelismo-tomismo? O correto é que diga; quando Masi crê ver nas expressões de HAHNEMANN idéias aristotélicas tomistas se confunde por isto e isto. HAHNEMANN era aristotélico-tomista como acabo de lhes mostrar. Esse é o primeiro caminho. 2º caminho: Efetivamente como Masi disse, HAHNEMANN disse isso e isso, que não o disse S. TOMÁS. Masi leu mal S. TOMÁS, se equivoca então. 3º caminho: Se efetivamente não podemos negar que HAHNEMANN falava como S. TOMÁS, mas S. TOMÁS e HAHNEMANN se equivocam, com o que estudam a homeopatia.

Então, por Deus, como se fossem poucos os problemas que temos para entender a homeopatia profunda, temos que lutar por interesses criados, vamos falar claro, estou fazendo uma crítica da homeopatia, e para fazer crítica a homeopatia tenho que fazer crítica aos homeopatas.

Eu durmo mais tranqüilo se eu não aumento a supressão por medicamento homeopático, porque tive um grande êxito por esse pênfigo, então vão mandar muitos casos de pele, vou ganhar mais dinheiro, um grande mestre de homeopatia, terei consultório assim, então não posso admitir que eu suprimo com homeopatia.

Interesse criado, seja humanitário, seja de soberba, pela fama de um grande médico que cura tudo com homeopatia. Segundo vícios culturais, que parece pavoroso discutir as vezes, quando vou falar com um colega e descubro que ele não sabe do que estou falando. Se digo que HAHNEMANN acreditava no segundo movimento, que todo ser criado recebe, que deve se voltar ao mais perto possível da sua origem, que vai dizer o colega? : "Pobre Masi, delira!" O que é isso que está dizendo? Então há uma falta de cultura fundamen-

tal. Terceiro, por essa falta de cultura, má leitura de HAHNEMANN, com a queixa de HAHNEMANN que se superpõe à medicina oficial é o mesmo conceito de enfermidade, mas que maravilha, o conceito de entidade nosológica em que tem que ter toda a atenção na forma clínica que demonstrará individualidade, então é uma maravilha, uma coisa sensacional. O que, por exemplo, ORTEGA gosta? Que o deixa louco ser homeopata. Que a medicina oficial aceitou que a sífilis impregna a diátese, se a suprime, esse é um conceito absolutamente organicista expressado por ele, então, interesses criados, falta de cultura, negação do fato real com a qual comecei essa conversa, quer dizer, nos faltam medicamentos para levar sempre à prática essa medicina de *desideratum* da homeopatia miasmática, mas temos que fazer ainda, temos que fazer se não nos ocorre essa questão de fazer remédios com tóxicos que não nos serve a ninguém para nada, mas em cambio, introduzido o paciente. Agora eu sei que tenho que pensar baseado na toxicologia, quando tem uma negação de suas funções vegetativas, quando crê que cumpre suas funções vegetativas, comer ou tomar água em público, através desse ceder ao vegetativo para descobrir que está dentro de uma.....afã de perfeccionismo, afã de ser pouco menos do que ninguém desencarnado que cuida de nós.

Quantos enfermos se tem em consultório que apresentavam o mesmo quadro e este não me dizia absolutamente nada. Então estamos começando a conhecer uma homeopatia profunda, e teremos que lutar contra os que querem ficar na alopatia homeopática porque é fácil de fazer, porque lhes satisfazem os parâmetros dos que os educaram na Faculdade de Medicina positivista, organicista e mecanicista.

Então obviamente, qual é a forma de atacar? Acusar-nos de especular. Agora, eu queria saber aonde está a especulação, quando prescrevo por sintomatologia, que não figura na matéria médica ou no repertório, mas que eu a deduzo à luz dos meus conhecimentos da enfermidade miasmática e curo o paciente, não somente sua estrutura química mas também sua problemática existencial.

A Associação Francesa tem muitos casos que dão a confirmação clínica de tudo isso, porque prescreveram, porque o paciente em resumo nos queria dizer que tinha uma sensação de falta de segurança: Bryonia alba, que sintoma de Bryonia alba não é um sintoma de Bryonia alba, pelos sintomas tradicionais, pelo que tem no repertório, porque outra vez as graves conclusões a que permitiram levantar esse estudo que tinha por direito quando tinha dezessete anos da anatomia e fisiologia da alma. Qual sintoma a ser tomado pelos homeopatas em

sentido literal durante 200 anos? Isso é um disparate! por que o sintoma que figura na patogenesia é a maneira de expressar um sentimento do experimentador sensível, que o expressou pelas imagens que tinha pelo meio cultural em que habitava, por como havia sido educado, por tudo aquilo que leva subjetivamente a eleger uma determinada imagem para expressar o sentimento; mas outro sujeito sensível, o mesmo mas vai fazê-lo por palavras diferentes, analógicas, que não figuram na patogenesia, a relativização do valor absoluto do sintoma, o que temos que buscar é o fato comum que há por detrás de todas estas formas de expressar-se. Dou sempre o mesmo exemplo grosseiro, se um paciente no dia de hoje me diz que sonha reiteradamente que tem um avião a ponto de cair eu vou lhe dar Alumina, mas não figura avião em Alumina, mas porque o experimento feito na século passado não tinha avião.

Mas se esse paciente, experimentador sensível a Alumina expressou seu sentimento existencial, seu drama inconsciente, dizendo que sonhava reiteradamente que estava num bote a ponto de soçobrar em rio cheio de víboras, qual é a diferença com a história do avião que estava por cair, querem me dizer?

Nós estamos os homeopatas tratando de fazer uma homeopatia nessa profundidade atadas a uma concepção fenomenológica, a homeopatia que temos praticado até agora é fenomenológica, e temos que tratar para fazer a verdadeira homeopatia, que substitui-la por uma homeopatia numênica, que é esse númeno? Um fator que condiciona a apresentação dos fenômenos que apreciamos pelo sentido, por que, o por que dos sintomas. Então quando eu entendo isso não necessito que o paciente me diga literalmente o mesmo que diz o experimentador.

Teremos que somar com uma possibilidade de compreensão este critério de enfermidade única com etapas distintas, com uma dinâmica que se estabelece entre o meio ambiente e o sujeito, que vê equivocadamente nesse meio ambiente a causa de seu sofrimento.

Eu me recordo sempre de uma paciente que vinha ao meu consultório, que tinha sido atendida durante muitos anos por outro colega, não estava evoluindo bem, por isso mudou de médico, como esse colega seguia também a família, um dia me disse na Associação; “foi lá a senhora Fulano de Tal? como vai?

Bem.

Não me diga, sabe que lhe dei todos os remédios possíveis e nunca se moveu, que lhe deu? —Sepia.

-Sepia, para senhora Fulana?

-Sim, Sepia!

-Por que lhe deste Sépia?

-Por esta afetuosidade tão grande que tem.

A imagem contrária à estereotipada na Matéria Médica.

Quer dizer uma Sépia que quer lutar contra sua sensação de frialdade afetiva, quando está vibrando numa atitude reativa egotrófica de querer predominar, seu predomínio não pode estabelecer-se senão baseada na negação do que sente como perda. Então quando Sépia quer triunfar pode ser uma grande sedutora afetiva e possivelmente ninfomaniaca. Mas claro, se é frígida como vamos dar Sépia a essa pessoa que é ninfomaniaca? Sépia! A isto que nos leva a esta análise crítica, a esta compreensão.

Vocês me dirão que isto complica muito a vida. Eu sei que isso complica a vida.

P- No exemplo que o senhor deu da Alumina, da analogia de um bote que vai naufragar e um avião, até que ponto nós podemos fazer essas analogias quando o simbolismo dessas duas coisas são diferentes?

R- *Há duas coisas que se transformam em uma, que esta já é uma grande maravilha que a mim dá esse entusiasmo. Chamamos analogia, chamamos simbologia, estamos falando do mesmo, porque uma linguagem é uma expressão simbólica, esse é outro aspecto da simbologia, então teremos a forma da expressão do mesmo com palavras distintas. Isso se chama analogia.*

*Depois, o que nos disse a analogia, o confirmamos na simbologia. Por que? Porque o homem tem mascarado, se vocês querem, confuso, os restos da sabedoria adâmica, então se lembra e sabe, de uma maneira que não pode expressar pela estrutura lógica do pensamento. Qual é a idéia? Qual é o inteligível que se esconde por trás dos objetos da realidade, daí a prática identidade que existe e o que cria um “bambara”, sobre o que significa a árvore “roble” (carvalho) em que criam os antigos celtas, e o que criam os egípcios, tudo coincide.*

*Dão uma vestimenta um pouco diferente, mas a essência é a mesma, interrogamos a todas as culturas e vemos que “roble” (carvalho) quer dizer força, robustez ou energia.*

*Pegamos a víbora, todas as culturas vão dizer do mal que pode se transformar em bem ou bem que pode se transformar em mal. Então a analogia da linguagem e a simbologia tradicional não fazem mais do que confirmar o que estamos afirmando. “os iguais”, como dizemos em metodologia, qual é a forma que eu trabalho e trato de compreender o númeno do medicamento por análise à luz do esquema diferencial tomista da sintomatologia; e logo depois buscar a*

*confirmação da hipótese que é feita na analogia e na simbologia e geralmente se encontram, em geral se encontram.*

Em geral são muito poucos os medicamentos em que fiquei no escuro total.

Bem, mas eu cheguei à conclusão de que o problema metafísico deste medicamento é tal, o paciente sonha reiteradamente com tal coisa, vamos à simbologia, tal coisa é expressão de tal; um dos exemplos mais evidentes dessa coincidência, dessa coerência que nos permite afirmar termos chegado a uma maneira de compreensão holística da natureza, é com Natrium carbonicum.

Com a leitura dos temas de Natrium carbonicum nos permite chegar ao final, como resumo, este homem está em desacordo com tudo, em desarmonia com tudo, e ao longo de toda patogênese distintos experimentadores expressam seus sintomas por "odor vibratório", "trino", "tremor", "vibração", vamos ao que a analogia quer dizer dessa desarmonia. Em Natrium carbonicum cristaliza em cristais ortogonais. Que quer dizer! Simbologia é o número da harmonia cósmica.

As propriedades físico-químicas dizem que Natrium carbonicum (carbonato de sódio) é uma substância reguladora ou tampão, que quer dizer por em acordo a substância que, espontaneamente não se relaciona. Agora, se como veremos, a conclusão a que se chega por toda essa análise é que a causa da enfermidade é a personalização do pecado contra a lei, como dizem todos os clássicos, ou seja, recusar a aceitar uma condição própria da natureza humana como se essa condição fosse pouca coisa, não é suficiente para mim, então eu a rechaço. Ao rechaça-la não é que Deus me castigue, sou eu que estou sofrendo a perda porque eu rechacei esta potencialidade, que corresponde a minha natureza, para aspirar a posse do equivalente dessa potencialidade humana, o equivalente próprio da natureza divina, isto é o mesmo que um par de sapatos, quer dizer, a mim pode parecer precioso mas se eu compro um número diferente do meu vai me fazer mal, eu vou sofrer, por mais bonito que seja. Ninguém discute que o equivalente da divindade de uma determinada potencialidade humana é uma maravilha, ideal e teórica, mas a mim não me cai bem porque eu sou homem não sou Deus, então me faz sofrer, e o que aponta fundamentalmente essa missão de conceito de enfermidade é o critério aristotélico-tomista que o Homem é um composto substancial, quer dizer, contrariamente a todas as demais escolas filosóficas, não vão entender, por uma linguagem ou por outra, que a alma é uma entidade que habita, como disse KENT, usando um exemplo do tipo platônico, habita dentro do

corpo, corpo que é a casa, a habitação do homem.

Isto não é assim, alma e corpo são dois princípios de vida que se necessitam um ao outro para dar como resultante o Homem, então com esses critério de composto substancial, a substância Homem está formada por esses dois princípios, nos justifica que o que ocorre no nível hierarquicamente superior deve ter sua representação num nível hierarquicamente inferior, não pode ocorrer dois dramas distintos em algo que é uma só coisa. Por isso contrariamente ao que muitos interpretaram do que eu digo, eu não desprezo, em absoluto, os sintomas somáticos, só o que digo é que os sintomas somáticos são mais difíceis de entender que os sintomas mentais; mas para mim que as úlceras de Mercurius solubilis são cortadas na ponta quer dizer algo, de acordo com a personalidade de Mercurius solubilis, eu não sei interpretar, eu não sei ler isso, eu não sei como diferenciar de todas as outras substâncias que também tem as úlceras cortadas na ponta, mas há alguns medicamentos entre os que também podem ser, uma lógica justificativa de tendência lesional que tem. Quer dizer ah! agora entendo o famoso organotropismo hepático de Chelidonium majus.

Um dos exemplos mais impressionantes é Amonium carbonicum, a nível mental qual dos sintomas se pode dizer que é mais característicos, mais chamativo de Amonium carbonicum: não pode guardar um segredo. E se agrega a este diz o que não quer dizer e não pode dizer o que quer dizer. Quando você vê o que essa sintomatologia somática tem, a nível digestivo: retém o que não deve reter e elimina o que deve reter; a nível sexual: tem desejos e quando tem desejos não tem potência e quando tem potência não tem desejos; a nível das dores de cabeça o mesmo, tudo é exatamente o mesmo, o remédio diz uma só coisa; o que acontece é que o diz em distintos níveis com a linguagem própria de cada nível.

Em muitos desses níveis a linguagem nós não compreendemos, por isso ficamos com os mentais e depois por outra coisa, porque na forma em que está na Matéria Médica e no repertório, quer dizer, no enfermo tudo é o mesmo o mental e o somático, na Matéria Médica não, porque está agregada, está formada por dois tipos de patogêneses distintas, que também a escolástica nos permite compreender, criticar e diferenciar.

Temos a patogênese feita com substâncias tóxicas no estado ponderal, ou bem dotadas de um determinado organotropismo pelas primeiras dinamizações e sucussões, que determinam o que se chama na escolástica uma paixão corporal.

O que é uma paixão corporal? É um padecimento, um sofrimento que começa por um ataque ao corpo, e que como somos um composto substancial, obrigatoriamente se segue de uma perturbação a nível animico expressada pelo mental.

E as outras são paixões animais, que são aquelas que começam por uma perturbação sofrida pela alma, que como somos um composto substancial depois vai aparecer um sofrimento corporal. Então na Matéria Médica e no repertório não há diferença entre isto. Teremos uma quantidade de sintomas vitais que não correspondem à substância que determinou a lesão corporal, coisa que foi determinada pelos colegas alopatas especializados em psiquiatria das intoxicações.<sup>4</sup>

A que conclusões chegaram? Aparentemente paradoxal, não se pode entender; dizem que os quadros mentais das intoxicações são distintos para o mesmo tóxico e iguais para tóxicos diferentes, quer dizer isto é fundamental que seja dito, que se não compreendemos a patogenesia, não podemos modificar a Matéria Médica e indo adiante, podemos citar como proveniente da alopatia para evitar reações afetivas.

Eu tenho um tóxico A, um tóxico B, um tóxico C, pode ser arsênico, toxina botulínica que tomamos a prova, que tenho o intoxicado A, intoxicado B e intoxicado C, com esses três intoxicados foi registrado arsênico, a nível somático tenho um quadro igual, salvo em diferença de intensidade que me permite fazer o diagnóstico clínico, está intoxicado por arsênico. A nível mental o intoxicado A faz um delírio alfa, intoxicado B faz um delírio beta e intoxicado C faz um delírio gama. Por que? Porque é sua paixão corporal. Começou pelo corpo, desencaminhado por uma substância com organotropismo determinado, então dei um quadro igual com diferenças de intensidade e características individuais e mais a nível do mental, o sujeito, quando se perturba, perturba em sua individualidade.

O que ocorre é que o intoxicado A, que tem características de *Lycopodium clavatum*, fez um delírio com semântica de *Lycopodium clavatum* e em B, que era Phosphorus, com a semântica de Phosphorus, e em C que era Aurum *metalicum* fez um delírio com a semântica de Aurum *metalicum*. Agora, o que dizem a psiquiatria dos intoxicados se o intoxicado A hoje eu intoxico com arsênico, amanhã com chumbo, depois com toxina botulínica, a nível somático que vai dar igual a intoxicação arsenical quando eu o intoxico com arsênico, igual a intoxicação plúmbica quando intoxico com chumbo, e igual a intoxicação botulínica quando eu intoxico com toxina botulínica, mas a nível mental sempre vai delirar como alfa. Então como é, como se deu conta na Matéria Médica se eu pretendo prescrever

por todos os sintomas somáticos corro o grave risco de equivocar-me, por isso tem se que, quando possível, prescrever pelo mental, porque realmente estou trabalhando com a individualidade e não com a linguagem somática, que muda muito porque se eu ligo o colédoco de todo mundo teremos uma sintomatologia que me permite distinguir o colédoco tapado. Somente nos sintomas idiossincrásicos, mentais, gerais e raros me levam para a individualidade

DIA 25/03/1995 (Manhã)

Queria dizer como tema da manhã de atualização doutrinária, em primeiro lugar manifestar todos os horrores que se cometem para julgar essa visão de homeopatia.

Eu não havia me dado conta da quantidade de gente que fala pelo que ouviu de terceiros, leu uma vez as "Actas", e já acham que leram muitíssimo, falam pelo que alguém disse pelo que alguém que escutou da palestra.

P- Quando você fala de tóxico, quando você dá arsênico dinamizado vai ser a mesma resposta na experimentação?

R- Não, eu estou falando de arsênico substância, se você dá arsênico dinamizado só vai tocar aos susceptíveis à arsênico.

P- Nem todos os experimentadores são arsênico e o senhor disse que o mental seria de arsênico, por que?

R- Esse é o problema que nos impede de limpar a Matéria Médica dizendo que tudo que tem abaixo do número de Avogadro deixo de lado, porque eu não posso descartar a casualidade de que um dia um intoxicado com tintura mãe de Belladonna, um sujeito que energeticamente é Belladonna e nos vai dar uma sintomatologia coerente, tanto no mental como no somático, esse é o problema. Pois é como eu dizia, muita gente que escreve e tudo mais falam por haver ouvido a terceiros por isso que eu quis deixar bem claro essa posição na prática e na doutrina.

Eu quis oferecer uma visão geral sobre estes temas, vou deixar a segunda parte para que vocês me façam perguntas e peçam esclarecimentos sobre o tomismo, enfermidade única, o que vocês queiram perguntar, para ser mais preciso.

Nesse trabalho que estou tratando de mostrar temos que diferenciar claramente duas etapas. Primeira etapa é a que podemos denominar etapa exegética onde tratei de encontrar, se é que havia explicação para as

contradições aparentes ou reais que teria HAHNEMANN consigo mesmo, e entre HAHNEMANN e outros seguidores como ALLEN e KENT, e na segunda etapa me encontrei com o ponto em que, tanto HAHNEMANN como seus seguidores haviam se detido, onde haviam deixado a coisa, onde se acha o ponto crítico da homeopatia profunda, quando nos falam da direção de órgãos, da transgressão, neste ponto decidi seguir adiante com o que me ensinaram, quer dizer graças ao descobrimento, tenho dúvidas se descobrimento, porque esse assunto do tomismo hahnemaniano, parece que já diziam no século passado, não pude encontrar quem o dizia, nem como o punha isto, mas no curso de 1864 um homeopata unicista muito bom, mas absolutamente positivista, racionalista em sua forma de pensar DE LA POMERE, um francês que era discípulo direto de HAHNEMANN, que era também muito bom, dizia queixando-se de HAHNEMANN, que era a única coisa que tinha a criticar em HAHNEMANN, era que tinha se deixado levar pelas suas idéias religiosas, e que isto permitia o que era considerada uma aberração científica e decidi que se quisessem depositar a Medicina nos altares, dizia seus discípulos: "Vocês podem acreditar que há ainda hoje em dia, homeopatas que pretendem fazer essa missão religiosa da enfermidade citando, para apoiar-se, nos sábios, e especialmente S. TOMÁS DE AQUINO. Quer dizer que já no século passado havia gente que havia encontrado essa identidade de pensamento, mas vou repetir, não me foi possível reastreá-lo. Então o que me levou à essas conclusões era uma coisa positiva e absolutamente irrefutável: HAHNEMANN pensava como aristotélico-tomista.

Segundo: ficava claro que a enfermidade é uma só.

Terceiro: como disse em principio tem que diferenciar como duas coisas absolutamente distintas: a homeoterapia e a homeopatia. E não interpretar uma com os parâmetros da outra, porque não tem nada a ver. Então só me restava o por que dessas afirmações religiosas, que era o que, obviamente, provocava maior rechaço entre os médicos quando alguém o enunciava, uma extrapolação inadmissível para eles.

Então eu decidi seguir adiante com o desenvolvimento da idéia do ponto onde haviam deixado HAHNEMANN, ALLEN e KENT, quer dizer, aceitei a idéia compartilhada por todos os clássicos, de que a enfermidade do Homem começa com a transgressão da lei, e a aceitação de uma determinada lei e disse: vou seguir adiante com isso enquanto os elementos que tenho de análise não me façam rechaçar a idéia, não me

impeçam de continuar adiante.

Qual seria o eixo da questão para HAHNEMANN? Vou repetir, desgraçadamente ele deixou – eu não sei porque – ele achou melhor talvez por uma estratégia, não quis dizer que ele era tomista porque, como viviam no século do racionalismo tinha medo de provocar o rechaço apriorístico de suas idéias. Ou bem porque acreditava que os médicos tinham a cultura filosófica que ele tinha, e se equivocou grandemente porque, como lhes dizia há pouco a maioria esmagadora dos médicos não tem cultura filosófica. Mas o assunto é que nos deixou afirmações muito resumidas que se não se lêem à luz do tomismo, não se entende, então se deixam as etapas do raciocínio se encobrir.

A essência disso é como lhes dizia o famoso parágrafo 9: a saúde tem uma finalidade a cumprir, essa finalidade é que o Homem chegue ao transcendente fim da sua existência. Mas não disse qual é o transcendente fim da existência, disse isso como uma declamação sem bases; vamos aos "*Escritos Menores*" e encontramos o que entende HAHNEMANN pelo transcendente fim da existência, em "*A Medicina da Experiência*" disse claramente: e disse do Homem "quão nobre é o seu fim e sua origem". E quanto ao seu fim ele disse que "é por intermédio de sensações que lhe permitam gozar o bem estar, de execuções de ações que exaltam sua dignidade, e com a aquisição de conhecimentos que abarquem o Universo, aproximar-se ao Grande Espírito, que adoram todos os habitantes de todos os sistemas solares".

Isto, muito condensado, vocês encontram perfeitamente detalhado na "*Suma Teológica*", quando S. TOMÁS nos fala da bem aventurança. São cinco questões nas que S. TOMÁS disse certamente isto, mas muito especificado, muito fundamentado quando fala que o Homem tem um fim último, qual é esse fim último? São as riquezas, as honras, as glórias, necessita-se do corpo para aquisição deste fim último? E este corpo para adquirir essa bem-aventurança tem que ser são? A resposta é afirmativa.

Quer dizer, temos bem especificado, bem detalhado o que HAHNEMANN condensa em "*A Medicina da Experiência*", o Homem tem como fim aproximar-se a Deus. Muito bem, se isso é assim, eu tinha a obrigação de encontrar a confirmação dessa teoria, se vocês querem, na experimentação. As patogenesias teriam que contar-me desse assunto. Em que consistia o pecado original? Em haver querido ser.....seguir a idéia como me haviam deixado, a enfermidade do Homem começa no pecado original.

Em que consistia o pecado original? No rechaço da condição humana para aspirar a condição divina? Isto é muito geral, se exigia, em contrário, a



personalização desse drama, assim foi quando pensei na diferença entre Adão e os homens atuais.

Adão é a cabeça de toda a humanidade, é o resumo de toda a humanidade. Os homens atuais somos os fragmentos, então se vem aceitando de maneira geral, por cada um dos homens esse desejo, essa aspiração de ser como deuses, o Homem atual, fragmento de Adão, manteria a capacidade para desejar, ou converter em seu todo o pecado original, com suas infinitas facetas. Então eu pensei que no momento da concepção, em que o Homem se faz, se converte em tal, se faz responsável e cúmplice do pecado, e há uma simbolização, quer dizer que se Adão esteve bem em ser como Deus, em todas as coisas que configuram a perfeição de Deus, eu gosto mais desta.

Então cada Homem assimila, no momento da concepção um determinado aspecto da perfeição e, estrutura na verdade, nesse aspecto toda a sua personalidade, para a saúde e para a enfermidade.

Por que digo no momento da concepção?

Na formação do Homem intervêm três pessoas, sempre seguindo meu esquema diferencial, o pai, a mãe e Deus. O pai e a mãe dão as condições vegetativas e sensitivas. No momento em que essas condições são dadas, Deus infunde a alma e aqui se encontra a justificação dessa cumplicidade que nos surpreende um pouco, pois como pode ser que eu, que não cometi o pecado original seja responsável por ele?

Como Jung comprovou o inconsciente coletivo, e esse inconsciente coletivo como se justifica? A imaginação, que é onde se entesouram as vivências, parte é esse aspecto sensitivo, quer dizer é uma potencialidade do Homem que estava com o pai e com a mãe, e não repugnava a lógica sã, aceitava estar submetida à lei de herança, que a imaginação de todos nós está no interior da humanidade, como queria Jung. Nada mais que Jung, como não era especialmente religioso, apesar de haver dito que não existia nenhum enfermo realmente curado que não houvesse recobrado seu sentido religioso, mas não era especialmente religioso. Não soube descobrir em seus arquétipos o pecado original. Então ficou no inconsciente comum, um pouco caótico, por assim dizer, não ocupa um lugar determinado, e específico nos arquétipos de JUNG.

Então o que sai de Deus não pode ser imperfeito, por definição e a alma, quem cria é Deus, portanto no momento da concepção a alma é tão perfeita como foi a alma de Adão, mas se faz uma só coisa, um composto substancial com algo que está imperfeito, por assim dizer, com o Homem. Nesse aspecto imperfeito o sensitivo e o vegetativo, a nível de imaginação está a história do

pecado. A alma chega a esse composto sensitivo vegetativo, lê na história do pecado da imaginação impressa na imaginação que lhe dão seus pais, e daí é um ato voluntário dizer sim ao pecado, e elege uma parcela do pecado, isto era o que eu aceitava a partir do esquema diferencial hahnemaniano.

Então seguindo essa parcela do pecado tenho que ver na patogenesia. Para poder fazer isso tenho que encontrar um sentido na sintomatologia, um sentido transcendente na sintomatologia, quer dizer, no que falava esta manhã encontrar o nùmeno, e como poderia fazer isso?

Me brindava o esquema referencial tomista, quer dizer, cada uma das potencialidades do Homem tem uma finalidade a cumprir. Em segundo termo estava a norma, o que eu considero a norma de Jung, para entender o nùmeno da sintomatologia.

Disse S.TOMÁS que aquilo que se converte finalmente no castigo e sofrimento de cada um é aquele aspecto da lei que se negou a obedecer. Assim encontrei uma coincidência com o que eu havia pensado que se podia personalizar o pecado. Era um aspecto que cada um havia se negado a acatar da ordem da lei.

Vejam vocês que dando outra confirmação ao pensar aristotélico-tomista, que nós homeopatas encontramos em HENRY ALLEN na obra "*Psora e Pseudo-Psora*", primeiro livro que dedica aos miasmas crônicos a seguinte frase: "por trás dessa sintomatologia de toda a enfermidade, se encontra a sintomatologia da lei violada".

Já tínhamos um elemento para entender o que ele queria dizer com a sintomatologia e não simplesmente conhecer a sintomatologia, quer dizer para colher um exemplo qualquer: se nessa patogenesia, a nível somático, via que a lesão principal que o sujeito sensível era a nível do aparelho locomotor, nós podemos "plantear", seguindo o esquema referencial, se sofre do aparelho locomotor, qual foi a transgressão desse sujeito para ser castigado eletivamente no aparelho locomotor? Para que serve o aparelho locomotor? Para ir ao objetivo que ele considera bom, para fugir do objeto que ele considera nocivo e perigoso, para possuir o que ele considera desejável.

Então se o aparelho locomotor é preferentemente lesado nos membros inferiores, evidentemente teria que buscar um pecado, uma transgressão, uma negativa de acercar-se do objeto desejável ou de fugir do objeto perigoso. Se estava predominantemente lesado a nível de membros superiores a transgressão, a falta que gera esse castigo deve ser algo que interfere com a posse do objeto correto por haver desejado possuir o objeto incorreto, pois os membros superiores são para possuir ou para defender.

P: Do ponto de vista da técnica semiológica, como extrair o sentido da atitude para conseguir colocar dentro da dinâmica para poder prescrever?

R: *Para que serve tal coisa? Porque tudo está encadeado na "Suma Teológica", quer dizer, a nível vegetativo há uma hierarquia de funções. Para S.TOMÁS a hierarquia principal é a generativa, porque seus objetivos mais universais são gerar outros, depois vem a nutritiva e a aumentativa. A nutritiva por sua vez está a serviço da generativa, porque graças a ela nos nutrimos e podemos gerar, então o raciocínio é sempre o mesmo: Para que serve a função? A falta deve estar em não querer cumprir essa função e por sua vez gerava a falta secundária por perturbar as outras funções entrelaçadas e, assim podemos entender a sintomatologia que havia a nível nutritivo e a que havia a nível sexual.*

P- Mais importante do que o por que, é o que busca com isso, para perguntar ao paciente?

R- Sim, geralmente é difícil perguntar isso porque o paciente não tem consciência, não pode responder a isso, isso é uma análise e conclusão que nós temos que chegar. Então esse é um dos elementos que me permitiam ir acercando um método de compreensão daquilo que comandava o porque da sintomatologia.

Depois do estudo da patogenesia, como já disse uma vez descobri que admitia os sintomas serem classificados. A que sintomas estou me referindo? Aos sintomas que pareciam mais primitivos, aqueles sintomas que não encontravam justificativa na vida real do sujeito, sintomas da imaginação, nas sensações "como se", os sonhos, as fantasias, e quando eu as agrupei, descobri que assim poderia fazer cinco grupos.

Havia sensações que falavam da perda de uma potencialidade, havia sensações que falavam de culpabilidade, sensações que falavam de lembranças, nostalgia de haver possuído aquilo que se havia perdido, havia o temor ao castigo por essa perda e havia uma tentativa de justificativa, quer dizer, sim, eu cometi algo, mas não sou totalmente culpado, porque alguém me enganou, porque alguém me cegou, etc, etc...

Então busquei o que podia haver mais, mas o que, eu não sabia, o que me levava a ter uma imagem resumida do pecado original, busca da perfeição, perda culpável, nostalgia, o Homem sente que teve uma perfeição que perdeu, tem medo de ser castigado por essa culpa e trata de justificar-se para se sentir menos culpado.

E é neste ponto que se pode lembrar o seguinte: encontro de escolas existencialistas cristãs que coincidem totalmente com a existência destes núcleos. Pode-se dizer se isto é verdade ou mentira, se está dentro do Homem,

que crê haver tido uma perfeição que nunca teve. Não interessa, não tem importância prática. Se o homem crê que teve uma perfeição e que perdeu essa perfeição por culpa dele, e que vai ser castigado, etc, etc... isso enferma a raiz dessa crença. Não faz diferença que não haja sido uma perda verdadeira e sim que nessa crença se encontra a origem da enfermidade do Homem. Como na origem dos argumentos dos que se julgam ateus, que dizem que o homem inventou a religião para que!. Para sacar sem medo.

Não interessa, do ponto de vista prático, se é ou não verdade. Os homeopatas não tem que se assustar, por não aceitar isto. Aceite que o homem se enferma por uma mentira que inventou, isto é o suficiente.

24/03/1995 (tarde)

Apresentador:- Dr Rubens de Lara Nunes

Para nós do Espaço Physis é uma grande satisfação estar recebendo os colegas, os amigos e pessoas tão queridas de nós como o Prof. Masi. Nós acreditamos que esta iniciativa do Espaço Physis nada mais é do que uma reunião com colegas que, tendo adquirido uma casa para fazer seu consultório, conseguimos fazer algumas reforminhas e tivemos a felicidade de, com assistência de pessoas especializadas, levar adiante a idéia de que não fosse apenas este o espaço dos nossos consultórios, mas que tivéssemos este auditório, que já está pequeno, para que o número de amigos aqui presentes e onde então estamos realizando o evento na área de medicina, na área de psicoterapia, em outras áreas que tem o propósito de treinamento de pessoal e que basicamente tem a proposta de ser um espaço de encontro de pessoas, de desenvolvimento. Para nós é muito agradável este momento.

#### DR. ALFONSO MASI-ELIZALDE

De de uma forma muito geral, hoje pela manhã eu esbocei um pouco, a idéia de uma medicina de uma profundidade ignorada pela medicina oficial e depois para poder chegar o Homem a um estado de equilíbrio clínico, protegido por um estado de equilíbrio existencial ou espiritual.

A grande diferença entre a homeopatia, como dissemos pela manhã, e as outras aproximações como o psicossomatismo é a consideração, por parte da homeopatia, pela intervenção do espírito na gênese da enfermidade. Não há a "ataraxia" espiritual se não há conformidade do espírito com o destino do homem, não é possível a saúde. Aparentemente isso parece ser

um objetivo de uma idealidade incrível, podemos oferecer isso ao homem?

Temos isso através da revisão da Matéria Médica que sem é possível que estamos limitados, como dissemos hoje, pela má compreensão da Matéria Médica que temos, pela concepção “fenomênica” da Matéria Médica, e pouco a pouco, das poucas substâncias naturais que nós estudamos, por exemplo Nicollum, estudar a mensagem dessa profundidade é uma tarefa prática necessária e possível? Sim.

Por que? Porque, ainda que sejam poucas as substâncias naturais que nós estudamos nesse nível, existem os pacientes que tem o *similimum* e que podem chegar a receber este benefício.

Agora muita atenção, não caíamos na confusão que se deixaram deslizar muitas escolas de origem kentiana, que dizer o *similimum* não pode transformar, a ninguém, porque sobretudo nas escolas de PASCHERO parecia que deixava a impressão que o enfermo entrava pecador no consultório e saia curado de suas enfermidades clínicas e com enorme santidade. Essa não é a verdade. Por que? Porque temos dito que a mancha psórica é o eixo ao redor da qual o sujeito estrutura sua personalidade para a saúde e para a enfermidade.

O que podemos fazer com essa problemática, esse drama que tem seu subconsciente, se é vivido com objetividade e o paciente não se deixa levar pelo engano, que falamos pela manhã, como o de projetar isso no meio ambiente, atribuindo ao meio ambiente como a causa de suas angústias, senão diria porque sinto isto se não é verdade?

A paciente avisa que encontrou *seu similimum* em Arnica montana e chegou ao consultório com uma anasarca depois da supressão de uma artrite reumatóide, e seu tema fundamental era a visão de um mundo exterior traumático como um dos pilares de seus problemas, e o outro a sensação de incapacidade, de não poder fazer as coisas bem. Bem, Arnica montana provocou um milagre, porque o quadro de anasarca foi determinado por uma cirrose evolutiva e desapareceu em dois meses, sem a anasarca, terminaram todos os parâmetros patológicos e reapareceram as dores de artrite reumatóide. Eu fico muito contente se me aparece essa crise de dor, como volta de sintomas antigos, mas para prescrever, saber se tenho que prescrever ou esperar. Tinha que perguntar-lhe sobre seu estado de ânimo, obviamente me dizia que não estava bem, cada vez que tinha essas crises, tinha uma angústia enorme, chorava muito e “não sei porque me torno uma inútil, sempre fui uma mulher ativa”. Então voltei a prescrever. No

curso da evolução chegou o momento que me disse que estava com a crise muito forte de dor e quando lhe perguntei sobre o seu estado de ânimo diz: — Estou magnificamente bem.” Como senhora, indaguei eu? Cada vez que tem essas crises não fica enterrada na cama? Seu estado de animo decaia, como me contou todo esse tempo?

“- Pois é senhor doutor — respondeu ela — antes quando sentia isso me sentia como uma inútil, agora eu estou inutilizada, e é muito diferente.” Quer dizer, sensação que agora me dou conta que não sou uma inútil não pode mudar o remédio, seria inútil, quando o sujeito está em desequilíbrio, a “deforma” toda a apreciação da realidade, o *similimum* encarrega-se de evitar, a angústia que engendra esse problema permite-lhe objetivar a enferma que se pergunta: “Como sou uma inútil se sou perfeitamente capaz de fazer a coisa!” Porém, tirar-lhe a idéia de inutilidade ou o tema da inutilidade, não é possível. É possível quando o sujeito não sente despertar a angústia, pela consideração desses problemas.

Eu faço a análise de porque eles tem! Quer dizer, fazer o caminho inverso da enfermidade, no lugar de dar lhe os remédios, que nunca adiantou nada. Pergunto de onde pode vir isto! E então atribuo isso a sua histórica metafísica. O que aceito é que isto foi seu pecado pessoal original. O que então aceite que sem a ajuda de Deus, ele, só como ser humano, não pode fazer nada. Quer dizer, no lugar da atitude soberba que chegou à transgressão da lei, à atitude de humildade que determina que o homem recupere o amigo protetor e Todo-Poderoso, no qual em cuja ajuda pode descansar em confiança. Eu falo posso vir até aqui, o resto me ajuda Deus.

Quer dizer retornar a uma reafirmação: somos um para - o homem e Deus. Cada um com uma natureza determinada e com um papel a cumprir nessa interrelação, que é o papel da confiança e da tranquilidade passada no reconhecimento do amor e da onipotência de Deus. Se deixa o enfermo de ser um homem só, e livrá-lo da alternativa de seu medo real para recuperar o Amigo

Comentaram pela manhã, em conversa, que existe uma clínica no Canadá que atende pacientes incuráveis, sobretudo cancerosos, e que a terapêutica é através da instrução direcionando-a para a ação de recuperar o enfermo para uma noção da sua transcendência, a noção da existência de Deus, “em repousar” em Deus. Qual é o meu papel já que existe Deus, eu como homem, no que posso fazer e como fazer?

Parece-me que tem umas melhorias extraordinárias, claro que o perigo é se não acompanhamos o *similimum*, porque muitas dessas coisas são aparentes, se conseguem por

repressão, por aderir a um "tabu", e desta forma inconsciente e nesse caso isto significa supressão e fazem metástases mórbidas.

Por que Khrishnamurti, que era um homem santo, dedicado a essa causa morreu de câncer aos 40 e poucos anos? Porque estava pesente sua aversão à lei, sua aversão à ordem era uma porcentagem da sua problemática ....a nível consciente.

Não era repressão, e sim era uma supressão psicoanalítica, que não é a mesma que a supressão homeopática, então nesse aspecto, não há metástases mórbidas porque o homem tem a compreensão de sentir-se dono de si mesmo.

O esforço que faz para vencer suas tendências patológicas e assumir conscientemente, e tem como contrapartida favorável a sensação de ser "dono de si mesmo", de ser homem pleno. Em contrapartida se faz isto de maneira inconsciente quer dizer pela repressão psicoanalítica, daí não há nenhum mérito e então se paga com um órgão menos importante que a mente. Então atenção em iniciar sem ajuda de si mesmo o caminho de cura, por assim dizer, pela via espiritual pode lhe trazer repressões que terminem em metástases mórbidas. Isto implica que se chegarmos a poder observar nosso paciente, essa objetivação de seus problemas. Temos que reconhecer que não temos nenhum motivo para sentir o que sinto de onde me vem, e nesse momento sim, podemos chegar sim, em imiscuirmos em sua liberdade, fazer a consideração de sua origem, de homem, a consideração da história do homem e há que devolver, como dizíamos, a recorrer a lembrança e o caminho que o levou à desordem, à enfermidade e à morte. Porém não antes de correr o risco e o perigo de que se realizem repressões.

Então não temos alternativa por mais que tenhamos a dificuldade para realizar essa medicina somos conscientes de que uma porcentagem pequena dos que a querem, de seres humanos que tem a possibilidade de ter *similimum* e não teremos direito de negar-lhs isso é conformarmos a não curar a colite ulcerosa, porque podem ser curados a este nível e por essa conscientização sobre os defeitos da Matéria Médica, os defeitos da compreensão do enfermo, não podemos fazer em todos os casos, claro que não podemos, para isso temos a homeoterapia. Consagrar, como dissemos pela manhã que somos melhores médicos que ser alopatas, mas não podemos negar a possibilidade de fazer homeopatia, e esse enfermo que me procurou para consulta tem todo o direito do mundo de receber alívio.

O que nunca vou poder dizer ao meu paciente é o caminho de chegar a este religar-se, porque temos "que o investigar e procurar seu *similimum* na Matéria Médica" Porque se é maometano tem a via do

maometanismo, eu não vou tratar de converter ao catolicismo. Se depois de tentar pelo caminho que se criou não encontra satisfação, podemos discutir por outros caminhos melhores que arrumamos na época, porém não nesse momento.

Essa é uma possibilidade real, e é o nosso dever de tentar, de chegar a aumentar a porcentagem de enfermos com *similimum*, por meio de aperfeiçoamento de nossos conhecimentos da enfermidade miasmática individual, e da enfermidade miasmática das distintas substâncias naturais.

Isso é um pouco tomar consciência humildemente do que eu dizia hoje, a homeopatia deste nível. Eu sou médico, porque eu tenho o que fazer pelos enfermos, não porque seja difícil ou raro encontrar um *similimum*. Isso não existe, é uma especulação. Vou me dedicar a tomar a sintomatologia da modalidade, da forma clínica e com isso vou "curar" a entidade clínica que havia achado, porque eu sei que há uma coisa melhor.

Recordo neste momento, um caso curado de póliomielite sem seqüelas, com uma sucessão de medicamentos usados pela forma clínica pela modalidade sem um alto nível de homeopatia. Como pude seguir o caso, vi aumentar o impulso de vida desmedidamente, eo paciente recuperou a necessidade de ser alguém afim de ser alguém, de ter uma posição e que essa posição seja reconhecida por todo o mundo. Estou seguro que se nesse momento de apoio era necessário já que adminstramos, desse uma sucessão de Apis *mellifica* e Zinco *metallicum*. Mas se tivessemos administrado Veratrum *album*, que era se remédio de fundo porque é a temática de Veratrum *album*, tinha-se curado também do pólio, sem agravação de sua enfermidade natural miasmática. Por que? Porque por ser uma má defesa, não leva a paz, mesmo que cheque aos objetivos.

Sempre está no elemento que diz ao sujeito isto que esta fazendo não é suficientemente boa por isso cada vez aumenta mais as suas atitudes miasmáticas reativas. Quer dizer, obtém os objetivos e com o passar do tempo dos objetivos não te satisfazem mais e você quer mais. Mas todavia a PSORA terceaia não é a cura, é a aprofundação da enfermidade e sempre como mais uma justificativa do fracasso final do objetivo que busca. Se faz uma critica implacável como se tem feito da homeopatia da obra tradicional, se a revisão detidas dos quadros das Matérias Médicas, me permitem estar absolutamente convencido de que isto é uma realidade. Pergunto por que meus colegas fecham os olhos e não querem admitir, porque jamais, jamais, discuti com alguém que pudesse rebater essas noções, quer dizer o verdadeiro conceito de enfermidade de HAHNEMANN. Ninguém!

Estou ansioso esperando que me tragam algum argumento. Que me digam: "você se equivocou, HAHNEMANN não era tomista, era panteista. Jamais

se conseguiu, ninguém trouxe algum argumento válido nesse sentido. Quando estudo um medicamento, ou uma hipótese estudada num esquema referencial Tomista, comprovada pela utilização não somente da analogia da linguagem e da simbologia, senão pelo estudo das propriedades físico-química da substância em estudo, pelo folclore de substâncias que existem. Pela vida da substância, por assim dizer, porque *Lachesis trigonocephalus* vive como vive. As enfermas *Lachesis*, inclusive com coisas surpreendentes como a linguagem do paciente. A paciente *Lachesis* está permanentemente com a imagem de estar enredado e o pensamento se entrelaçam e assim se comporta a substância estudada: como as surucucus se enredam.

Como disse esta manhã. Existe a possibilidade de compreensão do um conhecimento holístico, de todos os mistérios da natureza e que todos se transformem numa só coisa. Claro que é difícil, claro que vamos nos confundir muito, pois há uma tendência a resumir. O problema de *Natrium carbonicum*, neste problema de harmonia e o tributo invejado é que Deus não tem necessidade de estar com harmonia com ninguém. O problema de harmonia pode estar em vinte e cinco medicamentos mas tudo depende do ângulo de visão do atributo, a mim me interessa a harmonia por outro motivo. Não é *Natrium carbonicum* porque interessa a harmonia por ta ou tall motivo *Natrium carbonicum*. Quer dizer, cada atributo da divindade admite múltiplas facetas de observação que permite a diferenciação e a individualidade que estão no mesmo atributo. Por exemplo a providência de Deus, vamos encontrar em *Bryonia alba*, vamos encontrar em *Calcárea carbônica*, vamos encontrar em *Gelsemium sempervirens*, mas com características distintas, cada uma está pondo a ênfase em outra coisa. O que parece importante a *Calcárea carbônica* via providência de Deus, é que Deus pode ser providente porque conhece o futuro, porque para ele o futuro é o presente. Por isso *Calcárea carbônica* quando luta contra a angústia que lhe provoca a consideração do futuro, trata de prever tudo o que pode lhe suceder. Por isso lê livros de medicina, para saber como é a enfermidade que pode ameaçar-lhe. *Bryonia alba* não, para *Bryonia alba*, simplesmente o futuro pode ser mal, então toma precauções para o caso. Quer dizer, cuida-se contra tudo, não interessa saber de ante mão o que vai ocorrer, ele se precavê de tudo. Isto é ser, justamente a providência, mas de um ângulo pessoal que o faz diferente de outro remédio. Para *Gelsemium sempervirens*, o que rechaçou, na sua condição humana! Temos que estar alerta, na expectativa. O que vai suceder! Tenho que preparar-me. Tenho que estar pronto a atuar. Como rechaçou essa necessidade de estar alerta,

de ser um bom sentinela, tem um quadro, quase teatral, de *Gelsemium*: não pode manter seus olhos abertos, não pode dispor de seu sistema muscular, pronto para a ação. Vive pensando que, no futuro, vai aparecer algo que ele não previu; e que o que previu não vai acontecer, e sim outra coisa que não previu. Toda a sintomatologia, até a somática mais estruturada é coerente com essa compreensão do medicamento. Claro é difícil. Sobretudo porque temos que manejar disciplinas que nunca nos ensinaram como médicos. Temos que aprender antropologia aristotélica, simbologia, linguagem. Não estávamos preparados para isso, mas já que descobrimos, temos que fazê-lo.

Eu assumo ser hahnemariano, então pergunto-me: - "E tudo isto com que finalidade?!" Por uma simples razão, por haver aceito em esquema referencial, que aceitava HAHNEMANN, e isto é o que o referencial me diz: que o homem, patologicamente deixou, quer dizer, desprezar sua natureza humana, para adquirir prepotentemente a natureza divina. Tem sua contrapartida positiva. Por intermédio do cultivo da mesma condição de homem, do bom sentido, do bom valor, da forma da lei, aumenta essa condição de imagem de Deus. Ao aumentarmos nossa condição de imagem de Deus, podemos chegar mais perto de Deus, a conhecê-lo mais, e portanto a amá-lo mais, e receber mais plenamente o Amor, porque vamos fazê-lo de forma consciente. Quer dizer, sim, há uma divinização do homem, pelo cumprimento desse fim transcendente da existência.

Divinização que não implica converte-me em Deus e portanto aumentar minha proporcionalidade de valores com Deus. E se eu posso brindar-me com a possibilidade de um ser humano poder realizar essa tarefa consigo mesmo, pode ser difícil, mas posso fazer. Porque me parece que sai dos campos de juramento hipocrático não vou fazer!

Há pouco, publicou-se, na França, em livro de divulgação, desse tipo de homeopatia profunda, cuja autora, que não é médica, é uma enferma curada de câncer, por uma homeopatia de 3º nível, miasmática, por haver recebido seu *simillimum*, colocou o nome, "Homeopatia - a medicina do 4º milênio!"

Porque é assim! Ainda que todos possamos conhecer e a diagnosticar bem a enfermidade miasmática individual, ainda nos faltam muitos medicamentos. Toda substância da natureza é medicamento para um determinado grupo de pessoas, quando se usar somente em dinamização.

E o que fazemos nós! Sendo conscientes que temos a possibilidade de ter esse *desideratum* de cura, vamos continuar procurando que tipo de patógeno que provoca esse ou aquele tipo de gripe, que tem o corpo!

Eu, pessoalmente, não posso conformar-me com essa espécie de fatalismo. Se eu sei que minha

enfermidade miasmática é um obstáculo, para permitir-me ascender a esse aperfeiçoamento de minha condição humana, que me acerca mais a Deus. Devia estar desesperado, procurando minha enfermidade miasmática. O que ocorre é que as pessoas não tem a menor idéia de sua existência. Querem ser sãos para trabalhar bem, não chatear-se muito, dirigir bem, então receber uma remuneração por esse trabalho que permita manter sua família e aos sábados e domingos, praticar esporte que mais aprecie. Esta é a noção de sanidade de 90% das pessoas.

O que vai acontecer quando morrer? É melhor não pensar: "Os outros morrem!"

"Morrer! pobre fulano, era meu amigo." Acontece com os outros não comigo.

Porque se vocês analisam a si mesmos, vão ver que mesmo vocês tem a idéia de ser imortais. Que a morte é um acidente que ocorre com desconhecidos. É, pouco se morre! Tenho futuro! É em que consiste esse futuro depois da morte!

Isso é, nem mais nem menos, o objetivo que reivindica a homeopatia bem entendida.

Vou repetir, que se aumentasse a porcentagem de pacientes em que possamos conseguir, isso, é uma coisa que não tem nada a ver com a realidade aceita, e me parece, ai sim, um gravíssimo recado, sabendo que podemos entender assim a Matéria Médica, não fazê-lo. Porque, "todavia não é problema meu, se o sujeito fica paralisado se não lhe dói mais o trigêmeo".

Então quero que ponhamos tudo a limpo, porque eu comecei todo esse trabalho, que levei toda a vida para combater o que via como evidente, o estado conceitual e prático da homeopatia que ninguém pode negar, quer dizer, podemos afirmar que existe uma homeopatia para cada homeopata que veio ao mundo. Isto não pode ser.

Em geral, citam HAHNEMANN, mas não o citam bem, equivocam-se, e HAHNEMANN tinha contradições consigo mesmo. Caem em modismos...então sublevar-me haver chegado a isto, para haver-me convertido em fator de polêmica, de discussões.

Porquê! Porque se deforma o que digo. Há quem creia que sustento que a única forma de se praticar homeopatia e medicina é o 3º nível.

Como pode ser isso! Agora, se chegarmos ao ano 4.000 com todas as substâncias da natureza bem estudadas, patogeneticamente, ai sim, não tenho desculpa e tenho que trabalhar somente em 3º nível.

Mas agora! Seria ridículo exigir essa possibilidade.

Mas tampouco posso permitir, que tendo chegado a comprovação de que esta missão da homeopatia, seja através dos casos clínicos, curados; e a que chamo casos

curados! São aqueles que são curados em, não somente sua entidade nosológica, mas também a sua evolução miasmática, e o que aceito comprova de que o que digo é verdade, não são aqueles casos em que encontrei o *simillium* por repertorização, ou porque me recordei que na Matéria Médica tinha tal sintoma, não! Aceito como prova de que o que digo é verdade, aqueles casos em que se prescreveram pela imagem deduzida à luz da hipótese. Quer dizer, na Matéria Médica não figura a sintomatologia da atitude egotrófica, mas, se eu sei o que é enfermidade miasmática, posso deduzir, se aqui tenho somente sintomatologia psórica secundária, sintomatologia sífilítica, na linguagem antiga, permitem-me, esses sintomas, chegar à hipótese do que seria a essência, o mínimo desse medicamento, dessa enfermidade. Posso perfeitamente, imaginar esse enfermo, vibrando, vibrando em atitude egotrófica ou sicótica. Porque! Porque se a egotrofia é a negação da perda, esse homem fala, claramente, que tem a sensação de haver perdido sua potência, em sicose, negará, dirá que tem muito mais dessa potência, do que realmente tem. E prescrevi por isso. Prescrevi por uma imagem deduzida. E obtive a cura da esterilidade. Porque estavam de acordo a dinâmica e a PSORA primária e, além do mais, repertoriza e dei o remédio.

Por outro lado, se, o que lhes dizia agora, porque dei *Sepia succus* a essa paciente! Porque era muito mais afetiva. Isto é utilizar o conhecimento da enfermidade miasmática. Pode ver a imagem não estereotipada. Poder visualizar a imagem que não figura na Matéria Médica.

Esses são os casos que apresento como casos comprobatórios que isso que falo é perigosamente certo, e que está em um período de evolução. Mas, que não se confunda o período, que não se confunda minha posição prática, que não se confunda minha posição clínica. E vejam vocês que não sou excessivamente otimista, quando digo que temos que mudar de atitude no ano 4.000.

Então se somos médicos em todos os aspectos, não ocultemos, não tratemos de tapar o que começa a se vislumbrar como o *desideratum* terapêutico do homem, que pode levá-lo à sensação de sua angústia existencial, à conformidade, à aceitação de seu destino é a falta de necessidade de elaborar estratégias de luta contra o meio ambiente, que nunca, jamais lhe fez nada. Simplesmente ele cre que fez, cre que é seu inimigo.

Este seria o resumo de minha posição de cura do ser humano.

Antes de continuar, o organização deste evento quer reiterar os agradecimentos do ESPAÇO PHYSIS, às farmácias com cujos patrocínios este evento está sendo realizado: Farmácia Aberle, Farmácia Albion, Farmácia Aleph, Biofarma Cristal, Pharmaphlora da Vila, Philippe

de Lyon, *Sensitiva, Singulis Vitae, Homeopatia Viva Vida*, a essas farmácias os nossos agradecimentos mais uma vez e a certeza de que puderam compreender o nosso esforço dentro do objetivo no sentido de ampliação da Homeopatia, de discussão, de amadurecimento.

### Perguntas e Respostas

P: O paciente não tem noção do qual é o seu fim da existência. Ao tomar *simillinum* ele teria essa noção?

R: *Pelo que tenho visto, esse despertar espontâneo, como queria alguém, do sentido religioso, isso tenho visto. Mas se descobrem qual sua finalidade de vida, não poderia afirmar. Que saiba o paciente, qual sua finalidade da vida, não poderia afirmar. Sei sim, que com alguns pacientes com quem falo disso, falo com alguns, com outros não, dizem, que depois de muito tempo sem contato com religião ou igreja, tem de volta, uma vontade de ir à igreja, sem explicação. Quer dizer isto ocorre mas não especificamente...se não é função do homem religar-se. Isto sim, tenho visto.*

*Agora, o outro é questão de medicina preventiva, quer dizer, frente a um paciente *Lycopodium clavatum* uma vez que o medicamento atuou e o levou a um estado de equanimidade, que chegou a objetar sua situação, e poder ver que está deixando das coisas que não são reais, eu posso dizer-lhe, qual é o problema de *Lycopodium clavatum*, para que ele trate de se compensar, religar-se, todavia eu estou convencido de que ele é realmente *Lycopodium clavatum*.*

O problema com *Lycopodium* é que tem de aceitar ser filho de Deus e não pai de Deus, que, no fundo é o que *Lycopodium clavatum* é: "Pai"! Invejou a condição de pai de Deus. Não pai no sentido de progenitor, exclusivamente, mas sim de educação, com essa visão, de que a temática se desenvolve ao redor de "Pai", justifica-se toda a sintomatologia em qualquer das atitudes miasmáticas, porque, ou bem é um pai tirânico, superprotetor, que obriga os filhos a ir pelo caminho reto, pelo caminho da moral, estreiteza, ou abandona os filhos. Sempre ao redor do tema de procriar e educar - o tema do Pai, sempre o pai.

Então essa pessoa, como é a enferma a quem venho administrando *Arnica montana* que lhe contei há pouco, posso chegar a um ponto do estudo e dizer: "Senhora, o que acontece é que tem que pensar que não pode prever todas as contingências do meio ambiente, faz muito bem em prever o que passa, mas pode ir para casa e cair-lhe algo em cima. Esse aspecto contingente, você deve deixar à vontade de Deus. Quer dizer, que sim, há uma parte que eu não posso dominar.

P: Se o paciente, ao tomar o *simillimum*, percebe esse fim transcendente, o religar-se, ele pode escolher não seguir esse caminho!

R: *Não, os efeitos do simillimum são 2: primeiro, a problemática inconsciente não desperta uma angústia concomitantemente, então o enfermo pode estudar-se. O que é um obstáculo para chegar a conhecer a si mesmo, porque partindo desse fato, o que tenho que fazer primeiro é sentar e dizer-me: "Agora, o que se passa comigo?" E é isso me espanta, deixo para depois. E a 2º, é que faz sentir, com mais força, seja através de fantasias ou sensações, sente com mais clareza a problemática.*

*No caso de *Arnica montana*, a problemática da imunidade vem com mais intensidade. A de *Lycopodium clavatum* e sua problemática de pai, se faz mais claro que tem um problema com o fato de ser pai e educar. Então, tem maiores facilidades para estudar-se. Porque pode fazer sem angústia, e com essas sensações que se fazem nebulosas, ficam mais claras. Mas o trabalho de transcender-se a si mesmo terá que fazer com *simillimum* ou sem *simillimum*. Com *simillimum* de maneira mais fácil, e bem menos dolorosa.*

P: E se ele escolher não se trabalhar!

R: *Obviamente vai adoecer. Quer dizer, eu posso estar perfeitamente equilibrado, saber que tenho um problema, mas como passar da potência ao ato? E dizer que não tenho nada que estudar. O *simillimum* jamais pode violar o livre arbitrio. Eu posso chegar a ter, muito clara, a minha problemática sem ter interesse em saber o que significa.*

P: E o que acontece?

R: *Vai enfermar-se e tenho que fazer outra prescrição. Como em muitos casos que já atendi, basta que cada etapa o enfermo não utilize o momento de paz, de objetividade, para estudarem-se e darem-se uma resposta, à sua PSORA primária, então a cada fato volta a aparecer a angústia, voltam a aparecer os sintomas e tenho que lhe fazer uma nova prescrição. Porque não utilizaram o momento para fazer medicina preventiva consigo mesmos.*

*Recordo-me de uma mulher que atendi dos anos 60 até 1992 e em um dado momento, que tinha uma tossezinha, fez uma radiografia e apareceu um tumor de pulmão, no ápice direito. Que fazer? Nessa época tinha 70 e poucos anos! Como eu disse, a saúde é o silêncio dos órgãos, ela só tinha um pouquinho de tosse. Porque iríamos opera-la? Eu me mortificava nesse momento! Ia passando o tempo, continuava a tomar seu *Natrium muriaticum*, e 3 ou 4 anos depois,*

*sua filha me perguntou sobre o tumor de sua mãe, fizemos outra radiografia e não tinha mais tumor. Mas para tanto, recebia uma dose de Natrium muraticum em dinamizações crescentes; porque passava algum tempo bem e depois começava a angustiar-se a buscar a solidão, a pensar de novo, nas estórias tristes de seu passado, Natrium muraticum outra vez e ia bem.*

P: E se esse paciente resolve seguir esse caminho, de se estudar e conhecer-se em que ocasiões pode chegar a adoecer novamente! Porque adoecer novamente!

R: *Porque não encontraram uma explicação correta de ordem metafísica a essa problemática inconsciente. Quando a angústia é despertada se faz a projeção no meio. Faz o mesmo caminho que disse no princípio. Passa a PSORA 1º a PSORA 2º e trata de arbitrar soluções com as defesas de origem terciária. É uma questão que está na liberdade de cada um, fazer o que acha lógico com sua equanimidade ou ataraxia.*

Muito superficialmente, da maneira de Natrium carbônicum, que no estudo, de acordo com o esquema antropológico tomista, "o que acontece a esse homem para sofrer dessa forma!" "Qual foi sua transgressão pessoal!"

E se encontra com o que pode chegar à conclusão que tem a enfermidade da harmonia. Quando sofre, sofre por estar em desarmonia, por não estar de acordo. Quando se defende sicoticamente tem que impor a harmonia e que obriga os demais a estarem de acordo, quando está uma atitude defensiva sífilítica, alterlítica, aos outros, então semeia discórdia, como se vê na Matéria Médica e no repertório: a criança que arruma problemas para os companheiros do colégio, para os outros sofrerem a desarmonia.

E depois de haver chegado a essa conclusão com a exclusiva utilização do sistema de esquema referencial tomista, encontro que como expressam-se, diferentes experimentadores, para descrever seus problemas, o termo "vibratório", "dor oscilante", "vibrar", "trinar", "tremor" todas essas são idéias analógicas de harmonia. Tomamos um sintoma qualquer, que havia ficado isolado, do repertório: "Falta de elegância". Natrium carbônicum. Elegância e harmonia.

Muito bem, deixamos isso, e já aberta, nossa expectativa, já as coisas que antes nos pareciam extrapolações absurdas e nos perguntamos, porque! Porque! tudo tem um porque! Porque cristaliza em cristais octogonais! E onde se procura um significado para que cristalize em cristais octogonais! Vamos à simbologia, e o que encontro! Número 8, o número da harmonia cósmica e depois, claro que se confirma; o que é Natrium carbônicum! Substância reguladora, tampão, buffer; quer dizer, faz com que se harmonizem,

substâncias que sem ele, não se mesclariam.

Então, já são casualidades demais. Parece-me que já são confirmações através de disciplinas que não tem nada a ver, porque a sintomatologia não provem exclusivamente da cultura judeu-cristã, se não, de todas as culturas, todas as opiniões, de todas as intenções das mais diversas civilizações, e todas coincidem. É o caso de Veratrum album invejou a 2º pessoa da trindade: e o filho divino de Deus, porque recusou, não considerou suficiente ser o filho humano de Deus.

Muito bem, depois da hipótese eu vou a sintomatologia para encontrar justificativas à luz da hipótese. Veratrum album é coprófago; já parecia que estávamos na heresia, tratar de entender porque era coprófago. Na simbologia diz textualmente: coprófago é a pessoa que tenta substituir a divindade encarregada de regenerar a força diminuída do homem, pelos alimentos. Como se chama isso! Redenção!

E a coprofagia não faz parte do ritual judeu-cristão, que eu saiba. Ou seja, de uma civilização ou cultura que nada tem a ver, com o modelo judaico-cristão, encontra-se uma confirmação de uma hipótese armada por um esquema referencial, tomado de Aristóteles e de S. TOMÁS DE AQUINO. E isso se passa com todos os remédios.

Encontra-se nessa disciplina, que não tem nada a ver com o esquema referencial tomista, a confirmação do que se entendeu pela via do aristotelismo-tomismo.

Então, neste ponto, que pretendemos coincidir as disciplinas mais diversas, tenho que aceitar, e não posso pôr-lhe em dúvida, a força pela relativa ao conhecimento homeopático. Eu dizia que, mesmo que pareça excessivo o que afirmo, quero que a homeopatia, entendida assim, utilizando, para sua compreensão, todos esses elementos, tem um valor holístico e absoluto.

Dr. Gil Moreira Neto: Está tentando redefinir o significado do sofrimento do paciente em seu trabalho, e o Prof. Masi, como no caso de Arnica montana, onde a paciente diz que as dores não incomodam mais, gostaria de perguntar a intenção de se fazer essa afirmação e a semelhança ou antagonismo dessas intenções!

R- *Não sei se é exatamente isso, mas o que eu quis dizer com esse caso de Arnica montana, foi a ação do simillimum, no sentido que, na sucessão de dinamizações que tomou a enferma, a enferma foi, por assim dizer, se desapegando desse invento de sua imaginação, de que era uma inútil. "Não sou uma inútil, porque seria inútil! Na realidade não sou inútil. Nesse sentido é que dei o exemplo, para ver essa coisa, que é a objetivação do problema. Quando o sujeito está enfermo, não é capaz de dar-se conta da*



*irrealidade de sua fantasia. Crê que é verdade, aceita o que sua fantasia deformada lhe vende, de uma realidade, que ele crê que é assim, mas que não é. Dai a importância da técnica na HAHNEMANN de consultar os familiares e os amigos. Porque são estes que vão dizer: "Não, isso é ele que crê assim."*

P: É possível ser Elizaldeano sem ser tomista?

R: *Quero deixar bem claro, não existe "Elizaldeanismo", existe tomismo. O que eu aponto! Eu aponto elementos, provas, em HAHNEMANN, que demonstram a identidade de discurso com S. TOMÁS. Então, até que haja uma prova de que me equivoquei, ao crer que HAHNEMANN falava como S. TOMÁS, ou que S. TOMÁS falava o mesmo que HAHNEMANN, eu mantendo minha postura, eu não pus nada em tudo isso, não é mais que uma casualidade.*

Como dizia pela manhã, como me ocorreu estudar isso! Porque me ocorreu estudar simbologia escolástica e aí cheguei a S. TOMÁS, e encontrei o plágio que HAHNEMANN faz de S. TOMÁS e aí abri a janela à possibilidade de HAHNEMANN, tudo o que dizia de maneira obscura se esclarecia à luz da visão tomista da Medicina. A tal ponto é possível eu dizer, de uma maneira resumida, que creio que a homeopatia é a visão tomista da Medicina.

P: É uma outra visão de homem e outra visão de mundo que não escolástica?

R: *Eu nunca neguei a possibilidade que a verdade, não a limita o tomismo, não a limita ARISTÓTELES. O que digo é que é impossível negar que HAHNEMANN era aristotélico-tomista. E que estruturou toda a sua medicina, o seu conceito de saúde, seguindo os parâmetros do aristotelismo-tomismo. Essa é a minha posição.*

*Existe um grande equívoco nas interpretações quando se trata de interpretar aquilo que afirmo em primeiro lugar: ninguém nega o descobrimento de FREUD, sobre os mecanismos do inconsciente, o problema com FREUD é que se bem fala de alma, fala de alma vegetativa e sensitiva e não considera o espírito como integrante do Homem, que é o pivô da rebelião de VICTOR FRANKL. VICTOR FRANKL diz que é falso considerar o psicossomatismo recuperador do homem unitário, porque o psicossomatismo não tem em conta o aspecto espiritual da alma. Então, o ponto de dissidência com FREUD é a existência do nível espiritual do Homem, ou o Homem é constituído simplesmente pelo nível vegetativo e sensitivo, que é o que disse FREUD, o que entende como alma. Então o ponto é o drama espiritual, e vejam vocês, que depois, os discípulos de FREUD começam a afastar-se precisamente pelo reconhecimento da existência do*

*espírito, JUNG e atualmente VICTOR FRANKL. Porque respeitam, a vigência de uma problemática que vá mais longe do meramente psicológico que é o que dizia, no final de seu livro, RENÉE ALLENDY, que era homeopata e psicanalista com influências de JUNG.*

Quer dizer, que uma vez que a Medicina termine de solucionar e responder os problemas da afetividade e dos traumatismos afetivos, irá agrandar enormemente seu campo, porque irá descobrir que estão comandados pelo drama metafísico espiritual, que atualmente só são considerados pelos crentes. Mas se prosseguirmos estudando, poderemos reduzir às disciplinas de conhecimento lúcido. Esse é o ponto de divergência, a existência ou não do espírito e o comando que o espírito tem sobre tudo o mais.

Mas, vou repetir, toda a filosofia de S. TOMÁS, baseia-se em lógica. Então, o que exijo, e creio que tenho razão em exigir-lo, é que pela via lógica se rebatem os argumentos lógicos de S. TOMÁS "O que hoje falamos, amanhã é mentira". Mas, porque? Qual é o pensamento lógico que permite afirmar isso, e não ao contrário, o que é verdade permanecerá sendo verdade por séculos e séculos!

Para poder entrar, metodologicamente dizendo, em um debate exato: Deus existe até o infinito! Muito bem sabemos que existem cinco caminhos para provar pela via lógica e intelectual, a existência de Deus.

25/03/1996

ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO (trechos)<sup>5</sup>

Antes de conseguir desenvolver as etapas da metodologia que seguimos gostaria de trazer um princípio de solução e não a solução, porque evidentemente não temos tempo para a análise detalhada deste caso. Creio que vimos já pela manhã, começamos a elocubrar coisas, a mim me parece, eu creio no entanto que fizemos reconhecimentos importantes também, quer dizer estávamos fazendo o que eu terminantemente proíbo de fazer quando pensamos em uma metodologia de estudo de medicamentos.

Aqui não se trata de "a mim me parece" se creio que é importante nessa paciente a admiração ou esse imperfeccionismo, isso tenho que saber do estudo metodológico do paciente, ou seja plicar ao caso clínico o mesmo rigor do estudo dos medicamentos. Quer dizer, eu não chego a nenhuma conclusão vou apenas seguindo a metodologia e chego ao final, seja da suma teológica, seja acolá tentando estabelecer hipóteses para os temas que vão aparecendo. Obviamente neste estudo não creio que teremos tempo para, a não ser que queiramos passar

a noite toda estudando os temas que eu vi e são formados apenas por palavras, então são somente um resumo e nos escapa muitas etapas o que é normal para um caso difícil como este.

Como nos disse a enferma em que circunstâncias se põem em evidência seu tema, isto é tema tal. Isso é tema e sintoma 1, sintoma 2 e sintoma 3 literalmente como disse o enfermo.

O segundo passo da metodologia consiste em estabelecer quais são os grandes temas, o que é aquilo que atravessa toda a patogenesia, e que se encontra em toda a parte. Isso é um grande tema.

Terceiro passo e isso creio eu que seria o fundamental, são as respostas às cinco perguntas fundamentais da metodologia. 1ª-Como sofre esse enfermo, de que se queixa? 2ª como se defende quando foge, quando não quer enfrentar o fator desencadeante do sofrimento? 3ª- como atua quando ataca e quer destruir a causa de seu sofrimento, 4ª- como atua 5ª- e com que mecanismo quando quer impor-se à causa dos seus sofrimentos e dominá-la. Nesse ponto quando se é evidente a dinâmica miasmática, se lhe agregamos um estudo muito detalhado em qual crise a enferma reagiu de maneira alterlítica, isso quer dizer o que, em outro momento de crise de sua vida reagiu egotroficamente, isso quer dizer o que?

E aí vamos encontrar um denominador comum que está comandando todas as suas reações, esse é o denominador comum. É o famoso númeno e devemos prescrever por ele. Esse denominador comum, se eu o enxergo, observo o que ocorre quando tem uma crise de ira, indignado quis atacar, quis lastimar, quis insultar e por lhe faltaram com a dignidade ou se ele acha que faltaram com a dignidade. Se quando reage com uma atitude altaneira e depreciativa é a... que sentiu afetada a sua dignidade. Se quando fechou em si mesma, chorou e se mortificou porque não se considerou digna é o númeno, em resumo a dignidade. Devemos buscar o medicamento que cubra o tema da dignidade, como coisa dominante e que comanda todas as distintas reações, aí vamos buscar o porque e o para que da sintomatologia. O que é comum quer dizer manda a minha atitude egotrófica, a minha atitude egolítica, a minha atitude alterlítica.

Aí encontramos – e vou repetir: a famosa totalidade totalizante – do medicamento, se quisermos ter mais segurança tomamos sintomas isolados que nos pareçam muito determinantes, muito marcantes e que os estudamos no ponto de vista simbólico e analógico para termos a confirmação de que nos disse esse estudo na forma reacional e de sofrimento.

Então não vamos confundir a atitude altiva, não é a atitude altiva de *Arnica montana*, porque não está

buscando e nem importa que as pessoas acreditem que ela se direcione a nada, o que está buscando é a posição social. Isto seria a forma de sair desse enredo, dessa confusão, mas deve ficar claro que não é obrigatório que se encontre o remédio depois, porque se trata de uma variante do tema da admiração que não é de *Lachesis trigonocephalus*, é de um outro remédio.

## ESTUDANDO OS TEMAS DO CASO CLÍNICO

Vamos explicar a técnica, o procedimento, tomamos... qual é o sintoma que predominava como grande tema? A sensibilidade em relação ao ser reconhecida, em todas as ocasiões lhe provoca “não ser reconhecida”, fala permanentemente de pessoas com alto valor, de alta hierarquia, fala de “chique”, de posição social, de alto valor intelectual, grande capacidade, ninguém reconheceu que ela é “reconhecível”, há uma coisa de ser reconhecida, e se não é reconhecida se sente desprezada. Como vão me dizer certamente, quando eu notei isso nos temas que aparecia, por suposto, *Veratrum album*. Mas eu não via claramente o que é a característica distintiva, individualizante de *Veratrum album*, quer dizer, *Veratrum album* não se conforma com convencer-se de que tem valor, ou posição. *Veratrum album* necessita que sua posição, ou sua honra, ou seu valor sejam certificados e reconhecidos por alguém que ele reconhece superior, quer dizer, *Veratrum album* é príncipe, a honra que tem é dizer que seu pai é rei. Ele é Cristo, nunca é Deus, quando delira; a segunda pessoa, necessita que exista o pai, para que lhe certifique sua condição.

Bem isto lhe faltava, conversando com Paulo, eu não o via, até que agora volta a sair em uma repertorização, mais ou menos tradicional, que tomamos “conseqüência do desprezo”, “desmaio por dor de menstruação”, “altivez”, são de *Veratrum album*, entre os poucos remédios que saíram. Então eu dizia, onde estão desejo de que, essa coisa que se não para mim não é *Veratrum album*, e se existem confirmam.

Mas, com essa idéia global de uma quase certeza de que a paciente se move em torno do problema de dignidade, então você pode pegar um sintoma muito característico dela, ir ao repertório, achar o remédio e dar com toda a tranquilidade. Esta é a forma que podemos trabalhar neste momento que estamos iniciando a revisão. Oxalá todos os medicamentos de mundo tivessem sua PSORA primária.

Não haveria possibilidade de entrar nessas questões, bastaria localizar esse númeno, esse fator que comanda todo tipo de atitude geral e teríamos o medicamento. Um outro ponto que tem que se ter cuidado, eu vou repetir de novo, não acreditar que porque se chega

a descobrir um atributo, pensa que é todo o trabalho. Não! Temos que ver o ângulo em que o enfermo vê o atributo. A mim interessa ver como se deixa ver pela providência, a mim interessa a providência, porque creio que a importância da providência, pela capacidade da providência se pode conhecer o futuro e o que lhe impede saber

Não sei se dei voltas, ou se forcei a interpretação, mas ela olha as pessoas que tem uma condição científica, cultural, artística e o que é a coisa que mais a irrita no decorrer de todas as consultas, "que os médicos não a reconhecem"; ela vai com sua dúvida de ser alguém, e exigiria que os médicos lhe dissessem: "Ah! chegou N...., essa grande enferma. N... venha aqui!" Queria que afirmassem que é alguém! Ai estaria a condição que eu não via aparecer de forma franca. E também essa coisa da mãe, porque vemos ai uma atitude ambivalente; por um lado tem um juízo claro da mãe, depreciativo, por outro lado, está reclamando que a mãe não a reconhece como é ela; outra vez vemos a necessidade de que alguém superior a ela a reconheça. Muito bem, até ai Veratrum album. Mas surgia um sintoma muito raro, mais característico, único, que sugerem Nux moschata. Nux moschata tem desmaio pela menstruação, e um sintoma que é muito raro: "medo de ir dormir e morrer durante o sono", único medicamento é Nux moschata.

Então que se faz nesse caso? Eu não busquei porque não conheço, não estudei esse medicamento de forma profunda, busquei a PSORA primária e a dinâmica assim como há 10 anos. Então o que se faz? Bom, se surge um medicamento que eu não conheço, cuja imagem gerais eu desconheço, o que tenho que fazer é ir à Matéria Médica busco Nux moschata e encontro um quadro muito mais parecido do que Veratrum album. Não o deixo de lado por ser um medicamento teoricamente pequeno. É o mesmo que a repertorização. Em 1º lugar repertorizar temas, e não sintomas; em 2º lugar quais são os temas a repertorizar, que formam as rubricas da repertorização, mesmo que sejam poucos, porque senão sempre sai Lycopodium clavatum. Somente pegando poucas rubricas os pequenos medicamentos podem competir com os policrestos. Em 3º lugar, com esse critério, se elegem 4 rubricas, e saem, na 1ª rubrica um medicamento que cobre a rubrica mas não aparece nas outras três que tomei, então tenho que ler a Matéria Médica Pura.

Tem a recordação inconsciente de que por haver querido ser um grande personagem cansado de suas desgraças, por isso quando está dizendo seu discurso de querer ser grande personagem, chora. E o que perdeu? Quando estudei esse remédio, que foi um dos primeiros que estudei assim, que disse que é muito difícil que como não se cura, é difícil que me queixou um paciente assim :

" Padre, queixo-me de haver faltado contra a

humanidade !!! O que vai dizer o inferno? Como vai expressar-se! Qual é a perda de quem é humilde, e que quer ocupar uma posição que não lhe corresponde por sua pouca condição! A tranquilidade perdeu a Paz! Porque! Perguntei o que faria em 2 horas, uma pessoa realmente capacitada!

Cuprum metallicum que aspira ocupar uma posição superior à que lhe corresponde tem que empregar todo o dia, porque com sua capacidade não lhe bastam 2hs. Então ele perde a tranquilidade, tem que estar todo o tempo, pondo tudo o que tem para realizar uma tarefa que é superior às suas forças. E tenho prescrito, pelo tema da tranquilidade, e em casos realmente graves, com sucesso imediato. Recordo um rapaz que tinha esse tema e estava imagens múltiplas em pulmão, com grandes dificuldades na consulta...e tinha esse tema bem marcado, e dado a gravidade da coisa, é minha insegurança por estar prescrevendo por algo deduzido, comecei com Cuprum metallicum CH 200. Depois de uma dose de Cuprum metallicum CH200 começou umas expectoração fácil, e eliminava pedaços de tumor e se aliviava imediatamente, e o segui por algum tempo; e ele se alivia bem, mas é difícil convencer aos pais de que a única coisa que podemos fazer por um rapaz de 22 anos é aliviá-lo porque vai morrer. Eles reconheciam a melhora das coisas, mas queriam algo mais efetivo e foram ver se a quimioterapia resolvia e deixaram o tratamento. Mas a comprovação da prescrição foi instantânea. E parecido, o único medicamento que há em uma rubrica do repertório que se acerca à temática não é Cuprum metallicum mas Cuprum iodado : " Tem agora tranquilidade " .

Quer dizer que se eu tivesse que justificar em uma mesa de exame de uma escola tradicional de homeopatia organcicista a minha prescrição, não poderia justificar. Porque não tinha nenhum sintoma, nem da Matéria Médica, nem do repertório. E obviamente, com o que lhes dizia ontem, o grave problema prático que temos, é o que nos foi ensinado, o estudo de família de medicamentos, por exemplo, medicamentos que não tem nada a ver com o outro, mas que tem temática parecida. Quer dizer, o estudo de Cuprum metallicum me põe no tapete o problema da humildade. Quem dizia que em outro estudo sensível não vá aparecer outra problemática com a humanidade mas vista de um outro ângulo! Então há que se tratar de estabelecer um controle cujo resumo seria: a ser servido verdadeiramente ao sintoma raro peculiar e característico se sua condição de *keynote*, ou seja sintoma chave para abrir o quadro e se acertar o remédio.

O que acaba de se passar com Nux moschata; eu não sei se vai ser o remédio da paciente, mas sei que é altamente satisfatório ter chegado a pensar no remédio por sintomas característicos e depois chegar na Matéria

Médica e ver surgir o grande tema da paciente, com outras palavras, mas analógicas, não disse "altaneira", disse "petulante". Ou como no caso que Paulo nos falou ontem, de *Menyanthes trifoliata*: "sensação de ter as pernas até os joelhos, em água fria". E a enferma fala permanentemente em liberdade. Chegará um dia em que não teremos necessidade de recorrer a esse Keynote. E, não me cansarei de insistir na atitude de escuta. Se você não se esqueceu do treinamento que tiveram de estar esperando sintomas repertoriais nunca vão poder trabalhar neste nível. Porque a verdadeira sintomatologia do paciente se encontra, em geral naquilo que nós não consideramos sintomas... Precisamos acabar com esta mentalidade de que "não são sintomas, pois não se encontram no repertório."

25/03/1995 (tarde)

#### METODOLOGIA DE ESTUDO DOS MEDICAMENTOS (MENYANTES TRIFOLIATA)

Isto está claro neste trabalho, eu creio que o medicamento que lhes trago é muito representativo, está em fase de elaboração, mas o trago porque é realmente chamativo, um medicamento aparentemente pequeno *Menyanthes trifoliata*

P- Em relação ao caso clínico de hoje eu não posso imaginar que não se consiga caminhar um pouco mais, nós poderemos ajudar essa paciente com outro medicamento extraído da forma clássica. É uma paciente grave, uma leucemia mielóide crônica,<sup>6</sup> eu pensei em outro medicamento se objetar obviamente em sua maneira de ver o paciente. Eu gostaria de apresentar isso à sua apreciação.

R- *Eu diria que não se isso não chega a um resultado voltará ao que lhe dizia anteriormente, quais são os sintomas característicos.*

P- Eu me basearia agora no momento, para fazer essa consideração que eu ouvi da história. Vamos imaginar que ela vá fazer uma evolução a cada 15 dia, eu gostaria de colocar aqui para todo mundo e extrair outro medicamento que ela não tomou nesses sintomas que se tirou da história clínica.

R- *Ninguém conhece outra via para se chegar, quer dizer ninguém disse que por termos chegado elocubrar essa outra forma de estudar desconhecamos toda a quantidade de vezes que se encontrou o simillimum, por exemplo pela repertorização tradicional, muitas. Agora vamos à metodologia.*

P- Nesse caso o que sugere é retomar o caso, dividir os sintomas já tomados em pequenos grupos temas contextualizados.

R- *Eu não te digo por exemplo isso. Tema: honra honrar, isso é um resumo de emoções. Agregue-lhe os sintomas, os que falem do tema "honra, honrar" como disse o enfermo ou uma pessoa chegada ao enfermo. Uma vez que tivermos chegado nesse esquema feito podemos ir à *Materia Médica*. Digamos que todos esses temas que encontramos aqui aja algum que pareça atravessar toda a patogenesia que vemos aparecer em toda a parte, isso é um grande tema. Depois os confronto (os temas e a matéria médica), não somente na estrutura mas também como sofre, senão que coisa desencadeia esse sofrimento, não somente a maneira como se defende, senão que fator desencadeante pôde em marcha o mecanismo de defesa, qual é o padrão: egolítico, alterlítico ou egotrófico.*

O assunto é o estudo da metodologia, fundamentalmente essa intenção de escaparmos à tirania dos sintomas geral e isolado. Dado esse estudo crítico da doutrina, da técnica nós chegamos a condição de que o sintoma literal é uma maneira de expressão do paciente dependente de suas condições individuais, ou seja devemos estar preparados para pensar que outro paciente vai expressar o mesmo com palavras diferentes.

Você não vai encontrar o remédio no repertório. E com isso começamos a evitar surpresas que nos desconcertam. Por exemplo: o que querem significar os experimentadores que sentiram e expressaram "medo às tormentas"? Pensamento analógico com o sintoma do medicamento *Psorinum* que "desmaia quando ouve um tambor", já que que tambor é analógico de tormenta. Nós queremos escapar disso, quer dizer queremos ir cada vez a generalizar mais no sentido do sintoma isolado para tratar de encontrar o que chamamos Númeno, o grande sintoma, o fator que comanda a apresentação.

O primeiro que achamos são os temas do medicamento, já é o primeiro passo para a generalização em lugar de "dor de cabeça do lado esquerdo da frente" quando caminho ao ar livre, quando vou ao repertório encontro 15 sintomas modalizados pelo ar livre. O tema passa a ser ar livre. Já perdeu a importância a dor de cabeça, o que importa é a sensibilidade que sente ao ar livre, por que o ar livre o faz reagir, e não pense vocês que obrigatoriamente tem que reagir de forma ruim. As vezes tem o tema do ar livre e lá tem euforia pelo ar livre. Há quem diga que o paciente respondeu a essa sensibilidade especial geralmente da origem simbólica que tem para ele o ar livre mas como está vibrando noutra atitude miasmática a resposta é positiva em vez de negativa, mas o que importa é o ar livre.

Eu já prescrevi uma quantidade de vezes, já me decidi por *Natrium muriaticum* por uma melhoria

marcada ao nível do mar, quando o tradicional é ao contrário, porque o que importa não é o que se passa ao nível do mar, mas que ocorra algo ao nível do mar, isto é o que interessa. Depois de acharmos os temas que esse momento de trabalho terão que ser os mais numerosos possíveis para não correremos o risco de esquecer nenhum.

Por exemplo: dor de cabeça do lado esquerdo, marchando ao ar livre, temos dois temas, o ar livre e o caminhar, são duas coisas distintas que se apresentam na sintomatologia unida, mas está falando de duas susceptibilidades distintas. Uma coisa é uma sensibilidade meteorológica, por assim dizer, o ar livre e outra que para que apareça o sintoma de mal ao ar livre tenha que exercer a função locomotriz, é outro tema a mais. Se vocês querem classificar os temas desse tipo, podemos dizer que há temas argumentais nos quais o enfermo faz um descrição rica do que se passa com ele, por exemplo: palpitações à noite porque tem medo que apareça um fantasma.

Este é um tema que argumentar, e há temas que não são argumentais porque simplesmente assinalam uma situação e não dizem porque, por exemplo: passo mal ao ar livre e depois o famoso tema-palavra (que devemos rever enquanto nomenclatura) que é quando vemos que ao longo da patogenia distintos experimentadores tem uma predileção por usar uma determinada maneira de expressar-se ou suas variantes analógicas como lhes dizia no caso de *Natrium carbonicum*, vibração oscilatória, tremor é algo que se repete em muitos experimentadores, isso quer dizer algo, ninguém usa as palavras "porque sim". Vocês podem também encontrar uma temática, tema do tipo objetivo ou a que o Dr. Dourado denominava meta-mensagem que tem um altíssimo valor e que geralmente desperdiçamos ou denominamos "a pantomima", quer dizer, ninguém se veste porque sim, de determinada maneira, ninguém corta o cabelo de determinada maneira porque sim. Ninguém compra um cachorro policial em lugar de um pequinês "porque sim", não há nada "porque sim." Nada! São todos sintomas nesta medicina que fazemos.

Se eu sei...normalmente a forma inconsciente da imaginação, a forma consciente, a forma espontânea, quer dizer a imaginação tem o seu próprio grupo de formas. A forma da consciência que está representada pelas ilusões, as percepções, outra é a formação de imagens, e as alucinações, no grupo das formas conscientes teremos espontânea e refletida. A forma consciente espontânea pode ser sem liberdade ou com liberdade. Sem liberdade aparecem no sonho e nas obsessões, com liberdade estão representadas pelas fantasias e os jogos que fazem os seres humanos. Até aqui

nós os citamos como sintomas mas "tiram os sujeitos" pela forma da imaginação refletida, que tradicionalmente nos pintam como os descobrimentos científicos, as invenções técnicas e linguísticas, as criações literárias e artísticas. Não é certo Como também dizia Dr. Abrahão Kuperman?

A primeira manifestação da imaginação reflexiva é o que o Homem faz a si mesmo e ao seu meio ambiente e isto se deixa de lado no estudo do enfermo. Vocês já perguntaram ao seu enfermo por que ele usa bigode? Não! Talvez seja muito mais importante do que um sonho. Pressuposto que para fazer isso vocês não tem que conformar-se com a primeira resposta, porque geralmente a primeira resposta é uma racionalização, e nesse ponto tem que realmente acossar o enfermo, dessa forma você está excitando a imaginação deste paciente. O jogo por exemplo não é imaginação refletida, mas o que jogava quando era criança? 70% das mulheres vão dizer que brincavam de boneca e 70% dos homens com soldado, isso é o que importa? Não é o que importa, o que importa é: se brincava de soldado era general, soldado ou sargento e da posição que tinha no jogo o que sentia quando seu exército perdia ou quando seu exército ganhava.

A partir destas informações que o paciente vai lhe dar, nesse sentido...depois de um tempo de voltar com a sua memória sobre a vivência que tinha no jogo começa a delirar e esse é o objetivo de seu interrogatório. Que o enfermo delire, digo de outra maneira, que o enfermo perca o controle do pensamento lógico sobre a imaginação e que enquanto o pensamento lógico estiver comandando a imaginação vamos ter racionalização.

Eu sou médico porque meu pai era médico, ou eu sou médico porque tinha mais capacidade para ciências do que para linguas. Mentira! Racionalização!

Há alguma coisa absolutamente subjetiva que comanda que eu seja médico que não tem nada a ver com a minha capacidade maior para ciências do que para linguas. Por exemplo, se deixo de lado as racionalizações, uma das coisas que me levou a fazer medicina foi o papel heróico do médico, que é obrigado a ter contato com o sofrimento, que é obrigado a deixar de lado o sono, deixar de lado seus interesses familiares por servir, por ajudar, quer dizer, um aspecto heróico da profissão. Isso é que tenho que buscar no paciente, não que meu pai seja médico, ou porque tinha mais capacidade para ciências. Com a diferença fundamental que podemos interrogar o paciente, e a *Materia Médica* não, está escrito e dali não podemos sair, é mais fácil de trabalhar com o paciente para ter um estudo de 3º nível.

Então temos os temas, e quando temos os temas nós precisamos de seu valor hierárquico. Nós os

agrupamos segundo parâmetros determinados simplesmente seguindo e a medida que vai nos chamando a atenção vamos fazendo temas.

Se faz uma primeira leitura de uma *Materia Medica Pura* e vê-se quantas vezes disse opressão, tema da opressão, quantas vezes disse ar livre, tema do ar livre. Na segunda etapa tratamos de ver se existe alguma relação entre os diversos temas e se se pode agrupar diversos temas sobre um denominador comum e aqui há uma digressão, tenham em conta que essa é uma metodologia para se chegar a algum fim.

Você pode chegar a um fim como o primeiro passo da metodologia. Mas não confundamos o valor dos instrumentos com o objetivo dos casos, por exemplo: no caso de *Natrium carbonicum*. Foi a intencionalidade encontrar uma relação analógica entre os distintos temas, e isto me levou a leitura que havia feito dos temas e de todos os sintomas que integraram os temas, tem um só tema, este Homem não está bem com nada, nada ele faz bem, não está bem consigo mesmo não está bem com os demais, não está bem com sua casa, com sua alimentação, não está bem com o clima, a causa que atravessa tudo é uma disconformidade, uma falta de relacionamento que o fazia dizer temas como vibração, tremor, harmonia é a palavra que surgia para se poder chegar a uma compreensão assim totalizante, numênica.

Esta é uma primeira etapa, mas é possível que para ser ordenado cumpramos todas as etapas.

Então a segunda etapa é a formação — como lhes digo — se possível, de grandes temas, feito com os pequenos temas e o terceiro passo é responder a essas perguntas que disse antes. Temos que agrupar os sintomas de acordo com o nosso conceito miasmático porque eu denominei essa etapa terceira etapa “os concordantes”, não disse terceira etapa ordenamento miasmático. Por uma razão simples, como cada Escola pensa o que sejam as “antoja” dos miasmas eu pensei que isso poderia servir para a gente de todas as Escolas. Simplesmente não pus nome, porque se eu digo: — o enfermo quer escapar, sintoma egolítico, se lê um aluno de ORTEGA, diz sifilítico, não pode ser, isso é sicótico, porque ORTEGA diz que a fuga é sicótica, então para evitar que as pessoas não entendessem por um preconceito miasmático, então os denominei de forma a que possam responder a essas cinco perguntas:

1 - Como sofrem? 2- que o faz sofrer? 3- como se defende quando foge, quando não quer enfrentar e que coisas o põem em fuga? 4- como se defende quando agride, quando quer destruir aos demais ou ao meio e que coisas o fazem ter a crise alterlítica? 5a- como se defende quando a defesa que quer é triunfar sobre o

agressor, dominar o agressor, de forma franca 5b- como se defende quando quer dominar de forma mascarada?

A sicose mascarada dá uma quantidade de sintomas que estão no repertório e que em uma primeira visão, se diz - “Por que sintoma? Isto é o normal. É uma virtude, condescendente, aonde está a patologia condescendente? Eu sou compreensiva, não porque esse enfermo está usando a condescendência para atingir algo patológico. Não é que seja condescendente por uma virtude. E isso num trabalho de *Matéria Médica* vocês vão encontrar vários sintomas que são dados como sintomas curados, pode ser, eu desconfio que para que o sintoma seja curado ele deve ter experimentado o *similimum*, caso contrário é supressão.

Se a supressão parece boa é egotrofia. “Grande equanimidade de espírito”, não diga! Não é que se curou, quer conseguir algo fazendo demonstração de equanimidade de espírito. E com isso corremos perigo porque onde realmente parece um caso curado no exagero das características pessoais vocês podem encontrar o quadro sicótico. Eu estava normal e sou muito feliz ao ver uma obra de arte. Minha sicose foi exagerar...sobre a obra de arte, de maneira que é válido para tomá-lo como sicose.

E neste trabalho tem que ter muito cuidado com duas coisas, se é possível no grupo de trabalho haver alguém que fale alemão<sup>8</sup>, com a finalidade de controlar a verdade do sintoma, senão, como lhes contei de *Nicolum*, que eu “inventei” um sintoma a partir de uma tradução. Segundo, para diferenciar ou tratar de fazer o possível para ver se o sintoma é um relato do enfermo ou é uma observação que faz o diretor da experimentação, porque se é um relato do enfermo tem um grande valor, porque é a imaginação do enfermo que usa as imagens para descrever o que sente, mas se é o diretor da experimentação é a imaginação do diretor da experimentação.

Por isso havia um trabalho que obriga fazer que consiste em ver, em rastrear se em distintas patogenias, com distintos medicamentos há uma identidade de acordo com o diretor de experimentação. Por exemplo, se vocês tomam uma *Matéria Médica* de HAHNEMANN vão encontrar que a maioria dos sintomas sexuais são de um tal sujeito, um diretor de experimentação que parece ter especial interesse pelo sexual. Mas atenção com isso também, é um elemento de confusão na elaboração da imagem. Depois de um tempo de trabalho, vocês não podem evitar a interferência num trabalho, absolutamente objetivo, de conhecimentos adquiridos em trabalhos anteriores, por exemplo - se você encontra um medicamento que tem que fazer o tema dos ruidos, já estou pensando que esteja vigente

sua peleja com Deus, porque ruído é sinônimo de peleja. Então para evitar uma atitude subjetiva anoto à margem a idéia que me ocorreu mas não vou integra-la e começo a trabalhar com isso. Trato de não chegar a conclusão antes de terminar o trabalho.

Por exemplo, outro dia me deram um trabalho dos franceses em que já juntaram os temas em um tema que era a pauta de satisfação sexual agregaram nos temas que isso quer dizer que não é chegado a sua bem-aventurança ... Como sabem?? A partir daí já vão trabalhando com a bem-aventurança e obviamente quando chegam ao final tem que ir à *Suma Teológica* buscar o atributo que é a bem-aventurança e elocubrar sobre uma estupenda imagem falsa. Porque isto é uma interpretação, nenhuma interpretação deve ser agregada de imediato, se ocorre uma associação de idéias marquem mas não a integrem ao trabalho.

Em geral se se fez bem o trabalho, se o medicamento tem sintomatologia suficiente, é claro que ao nível dos confrontos vocês vão encontrar que todos querem dizer uma só coisa, que todas são uma só coisa. Porque numa atitude miasmática há uma contrapartida, ou sofre de tal coisa ou tenta demonstrar que tem muito do que perdeu. O quarto passo é trabalhar com o que é na verdade a enfermidade. Com o sofrimento. Como sofre? Então tratamos de ordenar esse sofrimento, buscando a sintomatologia, buscando se há sintomatologia da PSORA primária. Tem culpa, manifesta uma perda? Manifesta nostalgia ou lembrança de um passado melhor? Como é seu temor ao castigo, como é sua tentativa de justificação? E nesse ponto encontrei, tendo trabalhado com muitos grupos uma tendência equivocada de querer encontrar a todo o custo elementos sintomatológicos para cobrir todos os núcleos. Não!! Isto é uma deformação do que eu sempre digo. É muito mais correto dizer que eu não encontro sintomas que falem claramente de culpa. Não, eu creio que interpretei esse sintoma fala de culpa. Em todas as etapas vocês podem integrar o mesmo sintoma em diversos grupos porque de acordo com o ângulo em que vejam o sintoma. Por exemplo. Temor à policia; a primeira classificação temor ao castigo, e se tem temor ao castigo é culpa, então tem um conteúdo de culpabilidade, porque a policia vai lhe perseguir se eu sou inocente, então vocês põem isso também em outro nome. Então de todos esses elementos com os quais começamos a trabalhar, mas já temos uma ordenação muito importante em toda a sintomatologia, passamos a outra etapa que é uma nova classificação, e não deixamos nenhuma possibilidade de compreensão de lado. Qual é essa outra classificação? A ordenação segundo o esquema antropológico aristotélico-tomista.

Se existem sintomas do intelecto, sintomas da vontade, sintomas da memória intelectual, há sintomas da fantasia, da imaginação, há sintomas do sentido comum, há sintomatologia dos sentidos externos, sintomatologia dos sentidos perturbados, das paixões de alma tendo passado predominantemente nesse enfermo. Por que pergunto, porque vocês vão ter um grande elemento de trabalho. Por exemplo temor, o enfermo tem muitos medos, que é o temor. Na psicologia tomista há uma definição de temor, é a paixão que se desperta, é pertencente a tal apetite que se desperta, ante a presença de um mal, impossível de evitar, etc... e é nesse termo que encontra a sintomatologia desse remédio, qual poderia ser o mal que há despertado o temor, o mal real, não o imaginário. É assim com toda a classificação.

Depois vem a parte vegetativa e quais são os problemas da nutrição, quais são os problemas da generativa, quais são os problemas da aumentativa e os problemas de locomoção. Aonde encontramos a locomoção? Encontramos a nível dos membros inferiores para ir até o objeto que necessitamos possuir, porque nos parece bom, para fugir do objeto que nos parece nocivo e para comunicar-se.

Vocês vêem que a lingua é um organograma precioso, que tem duplo aspecto porque a comunicação é a última etapa do pensamento, isso é de alta hierarquia. Finalmente teremos ordenado assim a sintomatologia e podemos começar a tentativa de compreensão com que trabalhamos. Fundamentalmente com dois sintomas que nos falem da perda, que realmente invalida o sujeito que perdeu em seu sofrimento.

Para começar a análise teremos duas vias:

\*A primeira via é trabalharmos do hierarquicamente mais importante para o hierarquicamente menos importante. Exemplo - Existe nesse patogenesia sintomas de sofrimento intelectual? Isto é o mais importante, posso entendê-lo? Me desperta alguma associação? Se eles não existem já começamos a falar bobagens. Não temos sintomas a nível intelectual, pode haver a nível sensitivo. Isto tem uma exceção... não podemos trabalhar no início com a análise dos sintomas da imaginação, por mais que a imaginação seja hierarquicamente mais importante que a parte sensitiva. Por que? Porque obrigatoriamente teriam que cair no simbólico. Porque toda a imaginação é puramente simbolista, e este não é o momento metodológico para nos metermos em simbologia, então se deixa a imaginação de lado. Nesta etapa somente com o tema da questão antropológica. O tema da imaginação, sonha com cadáveres, tem um pano que lhe tapa a cara,

etc.etc... deixem para depois, isso nos vai ajudar no momento em que vamos tentar confirmar uma hipótese que temas armado assepticamente com as definições da psicologia escolástica.

P- Se não vamos usar sensações "como se" então o sensitivo vai usar o que?

R- Sensações "como se" são da imaginação, então vou cair em que quer dizer tal coisa, isso é um significado simbólico, então se eu vou colocar psicologia me encontro com os distintos significados do símbolo, caio no capricho e eu não gosto disso. Por isso eu deixo a simbologia para o final, para que me sirva de comprovação às hipóteses estabelecidas nada mais da que pela psicologia escolástica. Exemplifico todos os significados por exemplo "excremento" por um lado força, por outro lado ele deixou de substituir a dignidade carregada de redimir as forças caídas do Homem e seus sentimentos, e não tem outro elemento de juízo, substituir uma opção absolutamente subjetiva e caprichosa. De outra forma quando admito a hipótese de *Veratrum album* e leio a simbologia, provavelmente encontro o que lhe corresponderá, que é aonde encontro a confirmação da hipótese e o mesmo tempo para a analogia. Então com todo esse ordenamento dou início à tentativa de compreensão: análise do sofrimento.

Além disso vou tratar de saber do que falo cientificamente, que quer dizer medo, a definição do medo, as características do medo, fatores do medo, quero saber o que disse a linguagem de medo, então o que faço? Trabalho primeiro com o dicionário da língua, distintas acepções da palavra tal, porque poderia parecer que é um excesso de trabalho, uma redundância, mas não é assim, porque muitas vezes no dicionário da língua vocês não encontram a análise científica da palavra que estamos investigando.

Outro exemplo: a palavra "amor" no dicionário da língua vamos encontrar aproximadamente o significado geral que todos nós temos de amor, razão, a mecânica, a fisiologia do amor, por isso é fundamental ter a psicologia escolástica à mão. Por exemplo: eu sabia que o instante do amor começa com o conhecimento dos valores do objeto amado, do amar, mas o que eu não tinha a menor idéia e eu aprendi muito com esta leitura.

Deveria haver proporcionalidade de valores entre o amante e o amado...ou bem ser amado, que o tenha dos outros negar a existência de nenhum ser que exista que possa ser amado com admiração. Ela não admira nada, ela deve ser admirada, isso eu descobri graças ao estudo do que eu não sabia e então cai numa vasta disciplina, da qual eu não tinha a menor idéia. Então eu tenho que estudar.

P- Em qual etapa devemos mudar da palavra pura para a concepção de palavra interpretada?

R- Ao final, na parte de comprovação. Então, com o dicionário da língua, nada de dicionário analógico nesse momento, e esse elemento científico que me brindam com os conhecimentos que me faltam. Neste momento da análise também se põem em prática a norma de ouro: "se acaba" não somente com o tomismo, vamos acabar com um autor clássico homeopático como THIMOTHY ALLEN. Vamos convir bem que o sofrimento, o castigo de cada ser humano terá o aspecto da lei que se negou a obedecer, me pergunto se a resposta terá um caráter...me pergunto o seguinte: se sofre "da sujeira" houve um pecado contra a limpeza, eu não sei o que quer dizer isso e nem sei onde me vai me levar, mas é evidente que se sofre de "sujeira" ou de falta contra a limpeza. Então temos que estudar a limpeza, para que serve a limpeza do homem, distintas qualidades de limpeza, e aí já tenho um esquema aproximado de hipóteses. O trabalho, e isso já é uma coisa. Eu pensava trabalhar com o sintoma que me chamou a atenção, seja por sua hierarquia, seja porque notei na segunda via por ser muito chamativo, muito original, muito característico, e supondo que eu tenha no primeiro nível hierárquico o sintoma A e o sintoma B. No segundo nível o sintoma C, D e o E e no terceiro nível o sintoma F e H, eu tomei esses sintomas de igual nível hierárquico e o sintoma original, ou por algum argumento é mais fácil de compreender. É o sintoma B, estudo, como já havia dito, que é esse sintoma, que quer dizer, qual a sua objetividade no homem, o que representa esta potência, então eu sigo com isso que eu chamo de principio de hipótese para ver se encontro nos sintomas de segundo nível hierárquico algo coincidente com a temática que me insinua os sintomas de mais alto nível.

Se por exemplo encontro o que isso justifica nos sintomas sigo para o outro lado. Isto é um principio de hipótese, depois do que eu vou me revoltar e dizer: - O que será que tem a ver esse sintoma A com tudo isso que eu vi agora?

Tem que haver uma interrelação porque não podem haver dois dramas essenciais distintos e independentes numa só pessoa. Se eu não encontro, abandono o remédio e o deixo repousar, mas quando eu volto eu vou fazer o mesmo. O sintoma A tem relação com o C e o C com o B e uma vez estabelecida essa relação encontro que mais abaixo está a solução para o grande problema que a nível superior, por falta de material, não pude encontrar.

Isso é um trabalho gigantesco.

Um exemplo disso que lhes digo é, eu havia prometido falar de *Amonium carbonicum* em Paris e



cheguei com o medicamento sem terminar, porque não havia encontrado relação entre dois grandes temas que são: por um lado algo que se contempla, que se eu entendo posso chegar por uma denominação generalizante e totalizante, porque toda a sintomatologia fala disso. A nível mental este remédio não pode dizer o que quer dizer e não pode calar o que tem que calar, não pode guardar um segredo. A nível nutritivo elimina coisas que deveria conservar e conserva coisas que deveria eliminar. A nível genital se passa exatamente o mesmo, há uma coerência absoluta, por que especificamente aparece o tema do segredo?

Tenho que unir essas duas coisas. Porque até o momento posso resumir dizendo que não tem capacidade de arbitrio. Tanto a nível mental quanto a nível digestivo posso dizer que não tem capacidade de arbitrio, não pode fazer a seleção. Acontece a coisa contrária do que considera que deveria ser, ou a nível orgânico, o aparelho digestivo, o aparelho genital sabem o que tem que fazer e isso tem relação com o segredo. No final eu tenho que buscar na história do homem, de acordo com o esquema referencial, um segredo. Possivelmente se encontro esse segredo me vem a pauta. Fiquei lendo, lendo, lendo e eu encontrei um segredo. Qual é esse segredo? O que se deve ocultar ao homem, esse é o tema da predestinação. Isto é misterioso e me perturba muito, mas eu não tenho resposta. Se Deus eleger um homem, haja o que houver, esse homem está salvo, e se o condenou, haja o que houver ele está condenado. Este é um mistério que não foi revelado ao homem:

P. "Qual é a sua condição?"

R. *Porque se o sabe predestinado entrega-se à dissolução, que lhe importa o que haja se sabe que vai se salvar igual, se se sabe condenado entrega-se ao desespero. Então este é um segredo que ao homem não se deve comunicar. Interessante isso. De que depende essa eleição ou esse rechaço? Pelo arbitrio de Deus, e essas duas coisas são uma só. Pelo arbitrio - isso é o que temos que buscar — que satisfatoriamente para nosso intelecto veremos como se une coerentemente e harmoniosamente coisas que num primeiro momento de estudo pareciam impossíveis de unir. Toda vez que tenho uma hipótese chega o momento da confirmação. No momento da confirmação se baseia na noção essencial de que o todo é uno.*

Então começo a buscar no dicionário analógico, por exemplo - *arbitrium*. Todas as formas que se pode expressar *arbitrium*, e não somente isso, e atenção que nesse assunto de trabalho com o dicionário analógico tem a uma certa tendência de ficarmos com a palavra que fale exatamente a palavra que buscamos e não é assim, tem que se ler todas as rubricas do capítulo, porque

todas tem a haver com algo que está no mesmo capítulo e fixar-nos em qual capítulo estão agrupadas. Por que isso? Porque uma certa imposição feita em todo o mundo de dicionário da Língua Portuguesa, porque o esquema antropológico que utiliza é um esquema praticamente superponível ao tomista. Depois encontrei a explicação disto. O analógico original não é o do autor goiano, ele apenas o aumentou. O primeiro deu isso para um padre alemão jesuíta.

Porque será que ocorreu a um padre fazer um dicionário analógico na Língua Portuguesa? Sendo ele alemão, não me pergunte, mas essa é a realidade.

Então tudo ocorre com uma coerência perfeita, os outros dicionários não tem essa organização, tem as vezes uma coisa parecida mas assim tão exata quanto a deste goiano AZEVEDO, não a encontrei.

Por isto alguns editores ficaram espantados. Quando se reclamou no Rio de uma nova edição, responderam que sim, que estava impressa, que iria sair e pediram para explicar porque os homeopatas do mundo inteiro teriam interesse na analogia da Língua Portuguesa. Porque lhe pediam da França, da Alemanha, da Itália e eles não entendiam absolutamente nada de onde havia surgido esse interesse de especificamente de médicos homeopatas. Qual é a outra riqueza que nos brinda o Dicionário Analógico? Importantíssima, porque é o melhor na patogenesia, eu faço um tema que busquei no Dicionário Analógico que corresponde a uma atitude alterlítica, não há analogia da atitude egotrófica. Vou a coluna dos antônimos e encontro todos os egotróficos.

Inclusive encontro a hierarquização, porque vem a primeira rubrica, a outra é um superlativo com todo o panorama de uma possível egotrofia, isso é uma maravilha. Depois disso vou à simbologia para ver se entendo o sintoma imaginário: sonha com ladrão.

Vamos ver o que quer dizer ladrão, existe especialmente muita sintomatologia com a planta dos pés. Ah! queria lhes dizer também que eu havia passado por alto, que no momento de fazer um esquema antropológico eu não quero nada mais que potência generativa e vegetativa.

Também agrupo distintos órgãos em instrumentos dessa potência, quer dizer - quantos sintomas tem os pés, quantos sintomas tem o abdome, quantos sintomas tem o estômago, não esquecer-se da ação desencadeante de cada sintoma sobre o nível superior, as sensações, "como se" tivesse uma pedra no estômago, (*Kali carbonicum*) irritabilidade de estômago, vejam que com isso não deixamos que nenhum aspecto do caso a investigar.

Voltemos a simbologia - utiliza o Dicionário de CHEVALLIER e GERBRAND que é o mais completo,

também é interessante o simbolismo do corpo de ANNICK DE SOUZENELLE e há neste livro um vocabulário bíblico que tem coisas interessantíssimas do tipo simbólico.

Um fato que me deu grande satisfação quando estudamos *Digitalis purpúrea*, por que? Porque eu disse: tenho que dizer o tropismo pelo órgão, por que essa plantinha afeta de maneira tão brutal o coração? Ao mesmo tempo havíamos visto que a nível dos órgãos sexuais, havia muita sintomatologia, muito parecida a de fimóse. Buscamos coração em Chevalier e fomos ao Dicionário Bíblico, a hipótese era a rebelião de *Digitalis purpúrea* que era não haver querido cumprir com o projeto que Deus havia estabelecido para ele.

Então vou a esse vocabulário bíblico e encontro que em geral quando aparecia o coração citado na Bíblia era para mostrar a rebelião do homem a cumprir os projetos de Deus, e que a essa gente se chamava gente de coração "incircunciso", mais coerência não pode haver. Agora isso é o elementar, vocês tem que agregar depois disso o estudo da substância, se é possível fazê-lo, onde vive, para que serve, propriedades físico-químicas, folclore que existem relativos a esta substância, se existe na literatura algum personagem que lembre isso, vamos encontrar porque aqui ninguém inventou nada, está tudo dito.

E vocês vão encontrar, vou repetir, como citava para *Natrium carbonicum* cristaliza em cristais octogonais, isto diz algo, vamos a simbologia, e oito é o número de equilíbrio cósmico.

*Natrium muriaticum* - inveja do poder conservador de Deus, cristaliza com cristais em forma de pirâmide. O significado simbólico da pirâmide é a pirâmide da vida, da conservação da vida, e assim com todos os medicamentos. Por isso eu digo que chegamos a uma chave para o conhecimento holístico da natureza - mistérios da natureza - através da patogenesia.

Por outro lado, estudando assim, estamos já saindo do campo da medicina, da terapêutica melhor dito, e indo aonde se encontra a medicina preventiva. Nossa obra é um trabalho de extração, porque uma das funções que temos que cumprir, se queremos cumprir, como disse HAHNEMANN, com o fim transcendente da existência, para amá-lo tenho que conhecê-lo, quanto mais o conheço mais o amo. Para isso tenho que saber o inteligível de toda a substância possível da natureza. Isso se faz inteligível através dessa metodologia. Agora, quando se está trabalhando, depois que já trabalhou com o dicionário da língua, com os elementos da psicologia escolástica, é muito importante ir à *Suma Teológica*, no capítulo do Homem, que é um aspecto mais filosófico, mais profundo, que é o resumo, tipo texto de medicina.

Que...depois temos que determinar qual é a potência legitimamente estabelecida da natureza humana, que esse homem depreciou buscamos o equivalente nos atributos da divindade. É logo nesse ponto que temos todos os elementos necessários para debruçarmo-nos sobre a patogenesia e compreender os sintomas que haviam ficado sem possibilidade de integrar-se.

Uma vez chegado a esse conhecimento de *Natrium carbonicum* me dei conta de porque da atitude alterlítica de uma criança que semeia discórdia entre seus companheiros de colégio, que faz sofrer o que é o seu sofrimento secundário, que é a discórdia. E a analogia fez entender porque o sintoma falta de elegância, porque elegância é sinônimo de harmonia. Então tudo se converteu em uma só coisa.

Entretanto lhes dizia que logo no momento em que vamos ao volume da Suma sobre Deus, que entendemos bem e que temos todos os elementos necessários para poder deduzir imagens. Por essa minuciosidade de S.TOMÁS DE AQUINO para descrever todas as potencialidades do homem, todas as interrelações de potencialidade assim que na Suma onde chegamos a apreciar realmente o ângulo pelo qual o sujeito específico olha tal atributo.

Se não é individualizado é muito generalizante a coisa, mas é bem aí que começamos a entender. Agora é uma coisa sumamente curiosa, já passei por muitos medicamentos, muitos e quando começo a ler a Suma, inclusive quando começo a ler a...eu encontro o parágrafo da patogenesia, sintomatologia emprestada para a patogenesia, em muitos casos, ele as vezes está em forma textual, é impressionante. Em resumo a coisa, como eu digo, o melhor além de aprendemos com esse trabalho muita homeopatia, a cultura geral que adquirimos é incrível.

E ao final a última etapa, uma vez que conseguimos acumular toda essa série de conhecimentos - não sem o risco de equivocarmo-nos - com o conhecimento da enfermidade miasmática podemos deduzir as imagens, quer dizer se tal medicamento não tem na patogenesia a sintomatologia egotrófica, não quer dizer que o sujeito sensível a esse medicamento seja proibido de apresentar-se como egotrófico, mas não tem os sintomas. Por que? Porque não se submetem à patogenesia sujeitos sensíveis em estado de egotrofia. Mas eu por analogia, por compreensão da enfermidade miasmática, posso deduzir a imagem.

Em alguns casos resulta que é mais seguro, para uma confirmação de hipótese prescrever por uma imagem deduzida, que não figura na *Materia Médica*, nem no repertório puro.

Isso é o que eu aceito com a maior satisfação, porque é um resultado que podemos ter chegado com

uma boa repertorização e não depois de todo esse trabalho terrível. Como lhes digo a hipótese eu tenho que pôr em jogo e depois ela tem que sair dos livros, aqui está dito que isto e assim, assim, assim e agora entendo por ocorre isto e isto no paciente.

Dr. Paulo Rosenbaum: E não na interpretação racional sem embasamento, simulando uma compreensão intuitiva...senão corremos um risco enorme.

R- *Exato, senão outra vez estamos no subjetivo, eu creio que tal coisa.*

*A hipótese tem que sair do que está escrito e comprovado, tem que estar na Suma. Então ao longo de toda a patogenesia, temos o predomínio dessa sensação de pressão, de compressão. Por exemplo: também a encontramos ao nível do sacro; há um sintoma que diz que seu pé é demasiado estreito, também uma coisa de compressão, de estar apertado; porque não falamos primeiro temas, primeira etapa: temas. O 2º tema do "apoio da mão e do tato", com todos esses chamativos, porque com todos esses sintomas de pressão e compressão, todos esses sintomas que melhoram por apoio da mão, que pareciam uma coisa paradoxal; essa cefaléia pressiva, por exemplo, em vertex, de cima para baixo, melhora com a pressão forte da mão.*

Cefaléia compressiva, opressiva, tem a sensação quando sobe escadas, como se uma massa muito pesada estivesse apoiada sobre a frente, e melhora pressionando a cabeça com a mão.0

Sensação de frialdade no abdome, especialmente quando pressiona com a mão, pela manhã ao levantar-se.

Esse é um sintoma em que a pressão pela mão agrava em vez de melhorar.

Cordão espermático doloroso ao tato; o 2º tema se chamava "da pressão e do tato".

Uma pressão de cima para baixo na cabeça, que desaparece quando se pressiona fortemente com a mão, mas volta e persiste por muitas horas.

Dor aguda, no lado direito da frente, que se aliviou ao pousar a mão estendida sobre a zona.

Dor de cabeça na testa, como se fosse comprimida em ambos os lados, e melhora com a pressão da mão.

Sensação de dor em aperto, na testa ao tocá-la.

Pressão ardente sobre a pálpebra superior esquerda, que se desvaneceu pelo tato.

Dor em câibras que termina em pontada, em cervical do lado direito, que se vai ao tocá-la; eis uma vez mais.

Dor pressionante, em costelas inferiores, quando se encontra sentado, sem se alterar com a inspiração ou expiração, resolvia por um instante por pressão exterior com a mão.

Rápidas dores passantes em lateral e hipogástrico, quando se encontra sentado, se desvanece quando toca a região, mas...

Sensação dolorosa como de um hematoma, em sacro, principalmente quando está quieto.

São os sintomas mais marcantes desse tema.

O 3º é o tema da "recorrência". Encontramos quantidade de sintomas que se vão e, por um motivo ou por outro, voltam de imediato, são recorrentes.

Tema de "sentar-se". Quando está sentado sobre os músculos da perna provocam-lhe sacudidas espasmódicas quatro vezes.

Melhora sentando-se curvado, e por forte pressão na nuca e vértex.

Quando está sentado, pressão em occipício.

Dor compressiva quando está sentado e agachado.

Vemos primeiramente doloroso ao nível das escápulas, estendendo-se abaixo principalmente à inspiração profunda, desaparece quando está sentado, retorna imediatamente ao caminhar.

Não vou ler todos os sintomas porque seria interminável.

Tema do "repouso":

Sacudidas espasmódicas e crispações visíveis que são agravadas pelo repouso.

A maioria dos sofrimentos pioram durante o repouso.

Crispações visíveis, mas não dolorosas, nos músculos faciais, especialmente em lado direito, mais severo enquanto descansa do que quando caminha.

Nos olhos, uma sensação, como de inchação das pálpebras, que some quando mantém quietas as pálpebras.

Câibras dolorosas em músculos de face esquerda quando descansa.

Dolorosas crispações em testículo direito, mais severo enquanto descansa.

Crispações visíveis e dolorosas em braço esquerdo, piora ao descansar.

Pressão, como de câibras em articulação de mão direita e metacarpo, quando descansa. E outros sintomas provocados pelo descanso.

6º tema, tema de "agachar-se":

Dor compressiva quando está sentado e agachado.

Quando agacha, tem uma dor de cabeça com embotamento de um lado.

Dor de cabeça como complicações em alto da cabeça, especialmente depois de agachar-se.

Queria recordar que a confecção de cada tema significa uma aventura completa da patogenesia.

Ao estar sentado em uma posição dobrado para a frente, dor no peito como se tivesse um "molejón".(\*\*?)

Sensação de peso entre as escápulas, quando caminha, e que acalma ao inclinar-se para frente, esse é um sintoma em que agachar-se alivia.

Cada vez que se agacha, dor violenta sobre o sacro.

Quando está sentado, dor ao redor da vértebra dorsal inferior, como um estirão, melhora quando se inclina para a frente.

7º tema, tema do "movimento", aqui se encontra uma espécie de coisa rara na Materia Médica, porque CLARKE, disse que a maioria dos sofrimentos melhoram com o movimento, mas como sou um desconfiado, não me conformei com a afirmação de CLARKE e fui rever.

Em vez de melhorar, há 15 sintomas agravados pelo movimento e só 4 melhoraram.

Tema do "caminhar":

Estremecimento sobre a parte superior do corpo como peso, e nas pernas, com levantamento do pelo, como depois de uma grande caminhada, ou como depois de escutar uma estória de terror.

Tremor como depois de uma grande viagem a pé.

Rigidez em toda as costas como depois de ter caminhando desnudo em ar frio.

Esse tema é de muito valor, porque é absolutamente imaginário, o enfermo disse a imagem de "como se tivesse caminhado muito", mas não caminhou nada.

9º tema, de "estar parado": o núcleo desse tema são:

Ssacudidas espasmódicas para cima, quando está sentado com a perna estendida, melhora quando está parado ou quando traciona uma perna.

Tem o peito comprimido ao estar sentado, caminhar ou estar parado, uma sensação muito desagradável de ansiedade.

10º tema, tema da "escada":

Cefaléia pressiva em vertex, de cima para baixo, que melhora com pressão forte com a mão, e quando sobe escada, com um grande peso pressionando a cabeça e cedendo a cada passo.

Tema de "peso e sua descida", tem muitas sensações de peso, e um peso que desce, vou abreviar um pouco.

Tema do "acostar-se": numerosos sintomas modalizados ao acostar-se, deitar.

Tema da "dor contusiva": numerosos sintomas com a característica de contusão.

14º tema, tema dos "estremecimentos e sobressaltos" que é o que dá com grande característica CLARKE.

15º tema, das "pontadas".

16º tema, dos "espasmos e câibras". Vão buscar, depois, na patogenesia, os sintomas dos temas, por causa do tempo.

São 43 temas. 17º, do (tironeo) "estirão e tração".

18º tema, dos "(pellizcos) beliscões".

19º tema, das "sensações de paralisias e rigidez".

20º tema, das "sensações de luxação".

21º tema, das "sensações de (despellejamento) esfolamento".

22º tema, da "comida". Eructo, esvasia a cabeça depois de haver comido, gosto ruim na boca.

Não tem apetite, tudo lhe parece bem, mas todavia, come mal.

Não gosta mais de pão com manteiga, não tem mais sabor do que a carne.

Depois de haver comido, aumento da cefaléia, a cabeça está dolorosamente tomada.

Depois da comida do meio dia, pressão sobre o peito.

23º tema, do "sacro", há muitos sintomas referidos ao sacro.

24º tema, da "venalidade".

25º tema, da "rouquidão", tem uma rouquidão que dificulta muito falar.

26º tema, do "frio", muitas sensações de frio; mas também o 27º tema, do "calor, ardor e queimação".

Outros sintomas

Um frio superficial que cobre o corpo e sobretudo nas pernas, sem frio interno e em um quarto quente.

Em um quarto quente, os cabelos se eriçam, sem frio.

Não toma parte nas diversões, mas uma hora depois, está propenso a brincar (bromcar)

Os pensamentos se sucedem com dificuldade, ainda que tenha a inteligência intacta.

Tomo também como sintomas desse capítulo da "contraditório".

Que a pressão se alivia pela pressão; temos vários sintomas assim.

Durante uma coriza fluente, o nariz parece tapado, ainda que o ar atravessasse de maneira suficiente.

Secura da boca que provoca pontadas para deglutir, sem sede e com muita saliva na boca.

Gosto amargo e doce na boca, ao mesmo tempo.

Ainda que não tenha nenhum apetite, tudo lhe parece bem e come mais que de ordinário.

Fome canina, que sobrevém de repente, dura meia hora e cessa depois de haver comido muito pouco.

Borborigmos continuos em região do estômago, como se sente freqüentemente quando o estômago está vazio, no entanto não está vazio.

Todo dia inchaço e plenitude em baixo ventre, como se estivesse sobrecarregado de alimentos, no entanto o apetite está diminuído.

Vivo apetite venéreo, sem excitação da imaginação nem ereção.

31º tema, da "liberdade e da facilidade de espírito".

Aumento do calor do corpo, sem sede, com liberdade

e facilidade do espírito à tarde.

Esse sintoma: dos pensamentos que se sucedem dificilmente, ainda que tenha inteligência clara, mas ao ar livre sente-se muito mais livre e disposto.

P: esses sintomas são de CLARKE?

R: Não, esses estou tomando os de HAHNEMANN

32º tema, do "juízo sobre si mesmo e sobre sua posição", esse tema está formado por 2 sintomas mentais importantes:

Está descontente consigo mesmo e com sua posição; experimentador disse que se sente que acomoda com sua posição e está contente com o que conseguiu.

33º tema, do "humor sombrio e triste".

34º tema, da "alegria excessiva".

35º tema, da "atividade".

o sintoma é exaltação imoderada da atividade vital, precipitação em todos os movimentos.

36º tema, da "diversão e das (bromas) brincadeiras"; não quer divertir-se, não participa das diversões, não tem ânimo de brincar.

37º tema, da "salivação", tem uma salivação abundante, excessiva.

38º tema, das "lágrimas", se enchem permanentemente os olhos de lágrimas.

39º tema, da "visão": refletindo, durante a leitura, escurecimento freqüente da visão, como vibração diante dos olhos, todos os objetos parecem-lhe saltar durante 4 minutos.

40º tema, da "solidão", deseja estar só, ainda que de mau humor, porque lhe satisfaz mal calar-se que falar.

Eu justifico, metodologicamente, dar a categoria de tema a um sintoma, quando é um sintoma sumamente original e impactante, porque ao convertê-lo em tema sua razão, tenho que dar todo seu valor, como um possível elemento que vai fazer seu real papel de "keynote" ao fim do quadro.

41º tema, da "reflexão".

42º tema, do "olho escondido (cobrido)".

43º tema, é um tema que faço regularmente em todos os medicamentos, é o "tema dos sintomas exclusivos", que no repertório estão cobertos não mais que por um medicamento.

Na 2º etapa é tratar de buscar, como lhes dizia, uma agrupamento de pequenos tema em grandes temas, aqui está claro que é um medicamento que está meio trabalhado, e está meio trabalhado porque surgiu muito rapidamente uma hipótese, e nos espanta ver como se encaixa essa hipótese em todas as demais, mas lhes dizia porque o trago, por dois motivos, 1º porque hipótese é muito satisfatória, em 2º lugar porque está bem desenvolvida cada etapa da metodologia, e a finalidade é que desse exemplo da metodologia.

Então, que grandes temas eu fiz?

Pressão, compressão, agravação pelo repouso, agravação pelo movimento, melhora pela mão, recorrência e contradição.

Dr. Luis Guilherme Correa: Eu notei que nos temas que o Sr. separou havia uma palavra no texto que correspondia ao tema, uma correspondência semântica, mas isso não aconteceu com o tema "contradição", não havia nenhuma palavra que usasse a expressão "contradição"...

R: Não, isso é uma observação, está me dando continuamente sintomas contraditórios, como por exemplo, ter gosto amargo e doce ao mesmo tempo na boca.

P: Qual a palavra a escolher, é o quero saber, a palavra escolhida foi "contraditório", eu poderia escolher "ambivalente", ou "incoerente"...

R: Não, pela sintomatologia salta mais a palavra "contradição", não incoerência, aqui há uma nitida contradição, se tenho dores pressivas me acalma a pressão forte pela mão...

P: Sim, mas essa expressão sempre passa por uma análise subjetiva sua.

Bom, nesse ponto, não vou dizer-lhes como sofre porque já vimos, comprimido, sob pressão, não pode descansar, não pode mover-se, não pode tirar a mão, porque se tira a mão as dores voltam de imediato, não tem diversão, não está contente com sua posição. Isso seria o resumo...

P: Tem algo com ar livre, piora e melhora ao ar livre...

R: Sim!

Por outro lado eu vou ler o agrupamento que fiz das maneiras de defender-se, (é 3º passo)...

Dra. Sandra Salles: O que não é possível agrupar em grandes temas, continua como tema?

R: Não, o agrupamento em grandes temas já está feito...

P: Sim, mas tem alguns temas que não é possível agrupar em outros...

R: Permanecem como tema, claro!

Então, nos conjuntos, na 3ª etapa, geralmente não me dou ao trabalho de escrever todo o sofrimento, porque percebo que domina toda a patogenesia, e voltar à patogenesia é ver o sofrimento; destaco o que me parece mais chocante e completo com o que disse a patogenesia, mas como são menos os sintomas que nos falam da reação ao sofrimento, esses eu anoto.

Morosidade, mal humor, descontente consigo mesmo e de sua posição, moroso, indiferente, não toma parte nas diversões, disposição á melancolia, fixa seus pensamentos preferentemente em acontecimentos passados que são desagradáveis e tristes, deseja estar só, mesmo de mau humor porque ama mais calar-se do que falar e aqui temos o que, enfermidade ou sabedoria?

Isso tampouco teremos que (confundir). Isso são sintomas da enfermidade ou é um sábio, se prefere estar calado?

Aversão pelo trabalho; encontrei muito poucos sintomas de alterlise, que estão no repertório, e que são sintomas a discutir. "Descontente com tudo" e "descontente com o que o rodeia", e digo que são a discutir, porque "descontente com tudo" não é sintoma que surge da Materia médica, é descontente específico "com sua posição", não com tudo, e com "o que o rodeia", me parece que "o que o rodeia" é generalizar algo que é mais preciso, que é "sua posição".

Enquanto que em egotrofia temos: "exaltação imoderada de sua atividade vital; "precipitação de todos os movimentos"; "sonhos voluptuosos muito vividos"; "aumento do calor do corpo sem sede", "com liberdade de espírito", "á tarde propensão a brincar"; "alegria exagerada"; "todo o dia silencioso, concentrado", "contente consigo mesmo"; "tranquilidade de espírito", "adapta-se á sua situação"; "ao ar livre se sente muito mais livre e disposto"; "não tem apetite nenhum, mas tudo lhe parece bom", como de ordinário, e todavia come mal; calor no estômago que vem de repente, dura 20 minutos e é seguida de fome devorante.

P: Eu não entendi por que o Sr. colocou "descontente com sua posição" na alterlise?

R: Não, eu disse que havia dois sintomas a discutir, estava na alterlise o "descontente com tudo", mas viria depois outro sintoma a discutir que iríamos discutir, mas não é alterlise.

Fome canina, que se vai depois de comer pouco; inchação e plenitude em baixo ventre, como se estivesse sobrecarregado de alimentos, todavia o apetite não diminui; vivo apetite venéreo, sem excitação da imaginação nem ereção.

Nos núcleos, que é a 4ª etapa, os núcleos de sofrimento, busquei sintomas, dentro da pobreza sintomatológica da patogenesia, que me permitiam dizer se encontram os núcleos do medicamento, assim teremos a culpa: descontente consigo mesmo; a perda: na impossibilidade de descansar, de repor-se, de mover-se, da liberdade.

P: "Descontente consigo mesmo" não seria o castigo?

R: Não, é culpa. "descontente consigo mesmo", foi por feito mal.

No núcleo de sensação de nostalgia vemos esta fixação de pensamentos em acontecimentos tristes do passado; no núcleo do temor ao castigo, esse relato horrível, essa sensação de medo, a desgraça que vai ocorrer; do núcleo da justificação não encontro sintomas

claros. No esquema antropológico, a nível racional, sintomas de intelecto, a liberdade e facilidade de espírito, quer dizer, eu vou agir porque o juízo faz; a nível intelectual chega a uma conclusão; ou bem ao contrário, descontente de si mesmo e de sua posição, talvez o juízo, e então vive como alguém que não encontra repouso, porque se põe ansioso, com uma ansiedade que não lhe permite estar quieto. A memória fica, como sintoma, porque está fixada nesse passado desagradável e triste. Não quer cumprir com a última etapa do pensamento, não quer comunicar-se, prefere calar-se. Aversão ao trabalho, ou bem tranquilidade de espírito, conforma-se com sua situação. Os pensamentos sucedem-se dificilmente, ainda que a inteligência esteja intacta. A agravação refletindo durante a leitura, quando lhe nubla a visão.

P: Aonde se encaixa essa sintoma?

R: Eu o vi e o pus como sintoma do intelecto porque a reflexão é uma parte do trabalho intelectual. E também para não perder de vista a interrelação existente entre os distintos níveis, esse: depois de haver comido, sinto um vazio na cabeça.

Há uma tendência, no grupo francês, uma tendência que vale a pena alertar a vocês também, que é uma parte da precisão da metodologia. Eles começaram a apresentar-me os estudos fazendo o agrupamento, temas psíquicos e temas somáticos, isto é um grave erro! É o que acabo de dizer, porque muitas vezes, se vocês fazem isso, simplesmente não aparece o tema, encontra-se um denominador comum que vai desde o mental até o somático; se vocês o parcelam, dividem, e consideram somente o psíquico, anotam o tema psíquico e não se dão conta que o somático é exatamente o mesmo, como no caso que lhes dizia de Amonium carbonicum, devido a que se via que não podia reter, fazer a retenção, nem a nível mental, nem a nível digestivo, nem a nível genital.

A nível sensitivo, potências conectivas sensitivas, imaginação, um sintoma que não lhes li, porque é um sintoma isolado, não fiz um tema com ele: "na presença de algo, toda noite desperta e diz assim, assim, assim".

A história que assusta, que nós somente vimos na parte que li, e há também uma sensação no ventre, como se houvesse ouvido uma história que assustou. É a imaginação de haver realizado algo que... a sensação de medo, e aqui pus com uma interrogação. Se devíamos tomar como uma manifestação medo quando "erica os cabelos em um quarto quente", porque isso descarta o frio como causa de que se ericem os cabelos, tem medo. É a sensação de que está com as pernas em água fria até os joelhos; a sensação de estar comprimido sob um grande

peso, mas que se alivia com a pressão da mão, e se a mão se vai, volta a sofrer. Ouve campainhas, ouve grilos, ouve algo nas orelhas; sente que o ar lhe sai pelas orelhas, com odor de ovos podres; sensação vibratória nos dentes; sensação como se o lado esquerdo do palato estivesse paralisado, agravado tossindo; a idéia, sem justificativa, de estar sobrecarregado de alimento, quando não está; a tendência a visualizar como compulsão suas dores; sentimento de ansiedade em volta do coração, como se estivesse ameaçado por uma desgraça; a sensação de que lhe apoiam um punhal no sacro; isto em nível das potências de conhecimento sensível; enquanto ao apetite temos: ansiedade que não lhe permite estar quieto; a melancolia, a alegria exagerada, vivo apetite venéreo, sem exaltação da imaginação ou ereção; tudo o que o se lê apetite; fome canina, devoradora; quer dizer, temos que ver o concupiscível em todos aqueles aspectos que são desejáveis, seja nutrir-se, seja reproduzir-se.

Aqui me cansei, porque tinha chegado a estabelecer uma hipótese, então agora teria que passar a confrontar a hipótese com o resto da sintomatologia, que é o trabalho que me falta fazer.

O que está dizendo o sofrimento desse experimentador? Está dizendo claramente, a nível superior, que sofre porque perdeu a liberdade! E qual é esse outro grande tema que domina todo o medicamento? A opressão! E o que quer dizer opressão? Perda da liberdade! Essa acepção foi citada do dicionário da língua: ação ou fato de apertar ou comprimir; força que faz um corpo sobre cada unidade de superfície; força ou coação que se faz sobre uma pessoa ou coletividade; pressionar; exercer pressão sobre alguma pessoa ou coisa; exercer pressão sobre o inimigo para fazê-lo abandonar sua posição; apertar; estreitar alguma coisa ao peito ou de ordinário com as mãos ou com os braços; O 2º passo foi escolher uma coisa entre outra ou outras; Os vestidos ou outras coisas semelhantes muito ajustadas, tem a sensação da pele não estar ajustada. Por uma coisa sobre outra sem esforço ou comprimento. Aliciar, espoliar, fazendo o possível para estreitar, aumentar seus tirantes para fazer maior pressão.

Angustiar, afligir, tratar com excessivo rigor, com estreito ajustamento a lei ou regras. Comprimir, tratar de dominar o jogo ou ações. Comprimir, apertar, estreitar, reduzir ao menor volume. Reprimir ou conter.

É melhor a impressão do que isto quer dizer o experimentador a nível mental, com este predomínio do tema da pressão, da compressão e coerente absolutamente com o que expressava, de forma não dissimulada, o tema central pela liberdade. Agora o que me chamava a atenção era o que fazia, lhe dá uma tinta absolutamente particular, porque se seu tema era a

liberdade, perda de liberdade, aliviava-se por mais pressão? Então fui ver "mão". Acepção 25: poder, império, faculdade. Acepção 26: patrocínio, favor, piedade. 27- Auxílio, socorro, repreensão, castigo. Quer dizer, que significado terá no Dicionário da língua ou mesmo de simbologia?

"Da mão" é também contraditório, ou é símbolo de alguém que tira a liberdade do outro, ou que lhe oprime; ou é símbolo de socorro e ajuda a alguém, a uma pessoa oprimida, por exemplo.

Vamos ver como eu segui o caminho da investigação; antes de abandonar o Dicionário da Língua busquei algumas outras coisas que figuravam muito na patogênese, ou que eram muito chamativas. Como em "pele" não encontrei nada, busquei "pelego", de pele, forma familiar de dizer a pele de alguém, "pelego" de animal, uma forma mais familiar de dizer pele. Quis dizer que não abandono a pesquisa ao haver falho a primeira, pele não me disse nada, procurei pelego e aqui encontro a frase: não cabe em seu pelego, que é o que lhe acontece, vimos antes. Está muito contente, satisfeito, envaidecido, coerente com o tema: "descontente de sua posição e se adapta às suas circunstâncias". Está contente, satisfeito consigo mesmo. Está satisfeito, não cabe em seu pelego. Já se armando uma certa coerência em toda a sintomatologia. Depois fui ver o que quer dizer "sentado": ser judicioso, ser...quieto; sentar, estar alguém bem sentado, estar assegurado o emprego ou conveniência das circunstâncias.

P:- Mas como o senhor elege as palavras a buscar no Dicionário?

R:- *Elas surgem dos temas.*

P:- Então tem que buscar todas.

R:- *Pode fazer se quiser, eu escolhi estas. Vamos aclarar para que não se confundam do ponto de vista metodológico. Tem que fazer um trabalho utilitário, eu tenho que discutir isso, em principio eu não sabia o que eleger para trazer aqui, então um trabalho utilitário é apresenta-lo e apresentar as hipóteses do grupo suíço e alemão, pois então o que me interessa é chegar à hipótese. Já lhes disse que não há porque atar-se à metodologia quando alguém não aprendeu a maneja-la bem, quer dizer posso saltar etapas, sobretudo porque tenho a licença de ser o autor dessa metodologia.*

Então a menos que me encontre com algo que esteja forçando, conforme foi dito com a condição de não forçar, como me passou com *Natrium carbonicum* e com *Lachesis trigonocephalus*, dos temas fiz a hipótese porque me estava claro e evidente, depois a confirmei. Mas não é o que se pode fazer quando recém se comenta, daí tem que se fazer as etapas.

Repouso, descansar, dar interrupção à fadiga ou ao trabalho. Permanecer na quietude e paz, e sem alteração na pessoa ou coisa. Descansar: cessar o trabalho, repousar, reparar as forças com a quietude. Descarregar-se: ter alívio ou consolo comunicando a um amigo ou pessoa de confiança "normais em seu trabalho". Função, amigo, mão, descarregar-se com amigo, e a mão é proteção, é ajuda.

Por estar alguém tranqüilo e sem cuidado na confiança dos ofícios e em favor de outro.

Repouso em saber que tenho um amigo que me ajuda, por ter um favor.

Tema do agachar-se. Agachava, dissimulação, subterfúgio, rodeio, pretexto.

Agachar: figurante familiar. Deixar passar, um contratempo, perseguição (é um oprimido) ou acusação sem defender-se ou desculpar-se para saber depois qual é o melhor partido.

Ou ainda bem figurante familiar, retirar-se, afastar-se durante algum tempo das vistas das pessoas.

Então pareceu-me que nesse momento, havia muitas coisas que eu não entendia, mas me afirmei que a chave da compreensão do medicamento estava na liberdade, então fiz o que lhe dizia procurei a liberdade, é algo muito geral, muito literário, vamos ver o que há sobre liberdade.

Há todo um capítulo comum, primeiro da noção filosófica de liberdade, a propriedade característica da vontade a sua liberdade. Palavra cujo sentido diferente se presta a muitos erros e abusos e que precisa portanto definir-se com cuidado. De uma maneira geral a liberdade é ausência de necessidade.

É necessário primeiro aquilo que não pode "não ser" pois por oposição contingente e também segundo aquilo que é determinado a fato único, quer dizer aquilo que não pode ser outra coisa que tal determinação. O ato livre se opõe a essa dupla necessidade, porque é contingente e indeterminado, senão estaria sob pressão. Exclui, o ato livre, a constrição, a pressão exterior que viria de uma gente que impõe de cima uma força ao sujeito da ação. Segundo a necessidade interior que desencadeia automaticamente uma ação, em virtude da natureza animica do ser e sua inclinação irascível sobre os objetos indispensáveis a esse feito.

A vontade humana, como toda vontade inteligente está submetida à necessidade de querer o seu fim último e natural, que é a felicidade, e por consequência não é livre em relação a esse objeto. Mas ao vir largada, liberada de toda a constrição, coação, enquanto os diferentes meios para procurar a felicidade e do gozo do livre arbitrio, quer dizer da exceção de toda a necessidade interior na eleição dos meios. Bom, depois

de toda a liberdade, de toda a constrição de que é a dualidade do livre arbitrio, dessa liberdade de querer. como dizia antes, essa liberdade interior e psicológica consiste, para um ser inteligente, em eleger ele mesmo o seu ato, sem ser inclinado a ele irresistivelmente, de maneira necessária por qualquer coisa que seja. Faz então sua vontade sem patrão, o árbitro da decisão que toma e da qual é por consequência responsável. Essa liberdade pode subsistir mal grado à constrição exterior, a qual não pode recusar-se a consentir, é por isso que o oprimido se mantém muitas vezes maior do que seu aparente vencedor.

Bem, aí nos fala de distintos tipos de formas, de maneiras de estudar a liberdade.

Pode se estudar sob o ponto de vista de oposição ao determinismo, já que é uma contingência de que seria a visão metafísica. 2º. por exposição ao número dos fenômenos sensíveis, a que relacionar-se ao inteligível, ao ideal que seria uma concepção epistemológica. 3º por oposição à constrição e automatismo, é liberação e independência, senhor de si, concepção psicológica.

Quando essa liberdade, esse senhor de si mesmo se traduz pelo hábito de ser conforme a minha moral, tal e qual a pessoa errada, não somente do ponto de vista da liberdade psicológica, mas também moral e espiritual. 4º. por oposição à indeterminação é a opção ao compromisso, comprometer-se. Quando se estuda provável do livre arbitrio contra o... sustentado pelo livre arbitrio terá como prova seu testemunho da consciência psicológica, as condições da vida moral e certos usos da vida social. A própria razão de ordem metafísica da natureza do livre arbitrio discute os mediadores como segue o livre arbitrio e depois termina com um pequeno parágrafo que parece que é o que satisfaz a hipótese: A verdade é a liberdade, porque na eleição seleta do espírito em busca de seu fim, a verdadeira liberdade consiste em que seres inteligentes se dirigem a si mesmo, meritoriamente em seu fim último real, mantendo-se independentemente de tudo aquilo que não conduz a ele. Esta liberdade perfeita é o ideal para nós, ideal que não poderíamos realizar sem a Graça de Deus, no estado atual da humanidade, caída. Porque a liberdade, sem ser destruída pelo pecado original tem sido, apesar de tudo, diminuída, em lugar de ser dono pleno de si mesmo há a divisão entre forças espirituais e sensíveis que tendem cada uma a seu próprio fim com violência. A deliberação está perturbada porque o espírito está obscurecido pela força do sensível, e não decide certamente o valor das coisas em função do verdadeiro fim do homem. Enfim a decisão está falseada pela malícia da vontade e estamos obrigados à debilidade interior.



O terrível peso das estruturas sociais, o que nos permite visualizar a condição trágica da humanidade intacta em sua essência, mas horrível em seu estado. A liberdade está, por conseguinte, contida pelas aparências da vaidade, do egoísmo, da mentalidade comum; tem a necessidade de ser libertada pela Graça de D-us.

Assim que, teve-se razão para dizer: o homem não nasce livre, torna-se livre. Sobretudo, esse é o papel da educação moral, tornar-se livre pelo desprendimento gradual do sensível e o compromisso, mais e mais desinteressado, à serviço das diversas comunidades humanas, sob a atuação do soberano Bem. Mas, mais adiante, encontramos o que sobre tudo isso, é um pouco geral, o que cobre todos os matizes dessa liberdade.

E eis que Deus pode conduzir-nos, sem perturbar nosso livre arbítrio, faz assim o que quer de nós, modificando nossas tendências; todos temos visto isso que trabalhar a liberdade, Deus não pode modificar, não atua diretamente sobre o livre arbítrio, mas uma ajuda, mas há como que uma necessidade de acatar e de transformar-se com uma certa contradição: eu sou livre, mas essa liberdade não me serve, se não tenho a ajuda do outro; a mão que, paradoxalmente, eu a tomo como pressão e por isso ajuda, com essa mão que Deus me deu eu posso exercer meu livre arbítrio com dificuldades menores. Então, visto assim superficialmente é uma coisa contraditória e justifica a contradição e me justifica também algo que não é tanto a nível do aparelho digestivo como do aparelho genital.

Porque os sintomas de elevada hierarquia, não são os sintomas somáticos, mas os de elevada hierarquia, sintomas mentais. Os sintomas somáticos eram similares nos distintos intoxicados; mas o quadro mental era particular e individualizado então havia um denominador comum de alto nível que me permitia aceitar como legítimo.

P: Então podemos pensar que em substâncias tóxicas há um resíduo de substância energética capaz de promover a susceptibilização?

R: *Eu não diria de outra maneira, eu creio que no sujeito simillimum há, em muitos "níveis", uma susceptibilidade tão grande, uma identidade tão grande, com a energia da substância, que detecta o energético por detrás do estado material da substância, porque não nos esqueçamos tampouco, que o que chamamos estado material tem campos diversos.*

Existem outros indivíduos que necessitam ter muito mais susceptibilidade para poder captá-la por diferença de susceptibilidade de energia. E esse é o motivo pelo qual é absolutamente impossível tratar de limpar, de certo modo a Matéria Médica dizendo que tudo que se obtinha por toxicologia eu tiro. Porque,

porque há casualidade que se tenha intoxicado com arsênico a um "Arsênico". Então essa é a sintomatologia real, toxicológica ou idiossincrásica, e como vou saber?

Dr. Paulo Rosenbaum: Não sei se a hipótese está correta, mas há um caso que eu mostrei ontem, e que estou revendo agora nas fichas, que atendemos na Associação Paulista de Homeopatia há um tempo, e depois houve o aparecimento de dois sintomas novos, isto após a paciente tomar vários medicamentos, *Conium maculatum*, *Lachesis trigecephalus*, *Plumbum metallicum*, e o paciente não apresentava melhora.

Havia um quadro clínico caracterizado entre outras coisas por um eczema brutal, terrível, a paciente pensando em suicídio, de uma egolise muito grande, e aí por uma sensação, que surgiu como um sintoma novo, que era a "sensação de estar na água do joelho até os pés", que só tinha *Menyanthes trifoliata*, no "Sensation as if", (Sensações Como Se) de ROBERTS.

Já que era um sintoma novo, resolvemos pesquisar melhor e jogamos uma palavra — a palavra *freedom* (liberdade) — no Index (keyword) do RADAR.<sup>10</sup> Quero frizar que eu não conhecia nada desse remédio. Acho que isto só valoriza ainda mais esta prescrição, porque não se sabia nada do remédio. Em 1990 eu nem imaginava estudar *Menyanthes trifoliata* tão profundamente assim, então apareceu a palavra "freedom", que era tema fundamental dessa paciente: liberdade e prisioneira. Dizia — esta era a sua metáfora obsedante — que queria ser livre, o tempo inteiro isso, era a temática fundamental, e já tinha tomado *Natrium muriaticum*, *Conium maculatum*, e todos os medicamentos que cobriam essa sintomatologia temática. Mas uma das coisas mais incríveis — e aí, eu vou tomar a liberdade de fazer algo porque achei muito interessante — quando Masi reforça a idéia de símbolo; essa paciente tomou uma dose de *Menyanthes trifoliata* CH200 e teve uma melhora clínica espetacular, no mental a melhora foi razoável, miasmática não sei dizer, porque não fazia a evolução com os critérios que temos aprendido. Não tinha isso claro para mim como método, mas o a paciente desenhou...na verdade ela teve uma ilusão e pedi para que ela desenhasse a forma da sua ilusão, e ela desenhou a ilusão dessa forma: (eu conheço essa forma) que quer dizer, fui no dicionário, essa forma é um dos muitos símbolos que representam a liberdade. Por curiosidade me lembrei de uma forma similar (diferente do desenho da paciente) que está na bandeira de Estado de Minas Gerais: Um triângulo com a inscrição "*Libertas quae sera tamen*". Está aqui, o desenho que a própria paciente fez! Não sei o que aconteceu depois com essa paciente, eu a vi até 92, depois não sei. Ela queria ser

livre, e o ideal de liberdade era voltar para a terra dela que era o Mato Grosso, mas ela não podia, tinha emprego, filhos, e depois de 92 ela falou: "Resolvi, convenci todo mundo e me mudei para o Mato Grosso", ela estava ligando de lá, para avisar. Ela não me respondeu a pesquisa da intencionalidade da melhora ela não me respondeu "livre para quê?", detalhes importantes quando queremos ser precisos na avaliação do miasma. Eu não sei, mas ela certamente deve saber. Era uma ilusão, ela disse: "Depois que tomei o remédio eu tive a sensação que vi uma forma, era mais de uma que se encaixavam, cinza e verde em várias tonalidades, que se encaixavam, eu fechava os olhos e continuava vendo, não gostei", e era isso que ela desenhou aqui.

P: Mas Paulo, em relação à dinâmica miasmática da paciente, ela estava aqui e a família dela estava feliz.

Dr Paulo: Não, isto é interpretativo, são palavras tuas, ela tinha problemas sérios com o marido, tinham brigado, a ponto de ela ameaçá-lo com faca e outros episódios bastante graves, tanto de alterlise como de egolise; e era muito ruim a relação. Haviám tido — em função destas brigas violentas — problemas com a polícia. Mas ela vivia com a família, e por uma série de questões não podia mudar, e ela os convenceu, não me falou como o fez...

P-Masi há algo sobre *Agaricus muscarius*?

R-*Agaricus muscarius* ficou em discussão porque o toxicológico e o sintoma mental compartilhado por vários sujeitos não podíamos considerar individualizantes porque é produto da profissão deles. Ou seja, vários experimentadores deliraram com "grandes oficiais", mas isso não tem valor porque eram todos soldados. Então, o que podemos dizer é que *Agaricus muscarius* exacerba um delírio egotrófico dos oficiais e os soldados querem passar a ser oficiais. Mas, há muitas coisas assim desse tipo que poderíamos encaixar na crítica das fontes, das origens dos sintomas. Vejo que nos pode desviar, pela importância que temos dado à simbologia, mas temos que saber manejar a simbologia." *Sonha que disseca cadáveres*", assim, sem análise, tem um conteúdo simbólico importante, mas não sabemos que a maioria dos experimentadores eram médicos! Então "sonha que disseca", teria que transforma-se em "sonha com seu trabalho".

P: Então com *Agaricus muscarius* teríamos que fazer outra experimentação?

R: Não posso dar o valor, como para ir buscar o que quer dizer com tais "cadáveres" na simbologia, converter-se em algo mais geral, como se um engenheiro sonhasse que constrói pontes. Desgraçadamente é um aspecto muito pobre em nessas *Matérias Médicas*, a conservação das pontes,

*detalhadamente escritas, existem muito poucas. Por exemplo, quando eu leio "autoridades" de tal medicamento, será que fizeram a experimentação em si mesmos ou porque foram diretores de um grupo? Pelo qual se aumentam muito mais na "estatística". Por obter em alguns caso isso soluciona o problema porque eram homens que descreviam sintomas menstruais, e por mais múltiplo que tenha sido HAHNEMANN e mais genial, não creio que tenha tido menstruações e fala, em sua experimentação de sintomas menstruais...*

*Agora como nesse ponto há silêncio, não nos dizem o que deveriam dizer; quantos sujeitos receberam o remédio, quantos não responderam, quantos responderam, porque também nos ocultam os sujeitos que não deram resposta e conhecendo os que não responderam, nos valoriza os que deram resposta. Outra coisa indignante nas patogenias é quando nos dizem coisas tais como: sonhos horríveis de mortos que falam de tormentas, etc... Quem é esse, etc.! que não querem dizer. Cada vez que vejo coisa assim me acusa indignação!*

Agora, vocês se deparam com afirmações, que são reais, mas temos que buscar uma explicação. Nada menos que KENT que diz que depois das patogenias feitas por HAHNEMANN, não existem 25 patogenias bem feitas. 25! POR QUE? Isto é porque nós comprovamos todos os dias em nossas escolas, 90% dos que se dizem homeopatas, são homeoterapeutas.

Então está acertado: experimentação no homem são: as soluções são centesimais, a lei dos semelhantes e as modalidades das formas clínicas com o objetivo principal da terapêutica. E o drama existencial dos pacientes, incluso nos sintomas mentais, não lhes importava nada, para eles não tomava parte da enfermidade. Mas como aceitavam a experimentação feita no homem fizeram a patogenia e somente anotaram as características organotrópicas da substância, e por isso quando examinamos a *Matéria Médica* encontramos quantidade de quadros de dores de cabeça, de cólicas, de espasmos brônquicos, de diarreia, vamos aos mentais e por ai temos mal humor por tudo, uma homeoterapeuta que resolveu anotar mal humor. Isto é o terror. Isto temos comprovado podemos, como dizíamos ontem, e na medida que nós treinamos suficientemente nesse trabalho e vejamos a sucessiva comprovação da correlação dos mentais com o somático, vamos poder resgatar esses medicamentos com uma correta de leitura da sintomatologia patológica, psicológica, organotrópica, e fundamentalmente, privilegiar, dada esta crítica, o efeito terapêutico de uma patogenia nos queixamos de não ter suficientes

patogênesias; se todos os dias, quando mudamos um quadro de um medicamento é *simillium* ou similar estamos fazendo uma patogênese.

Mas não me ocorre que a posição mental é distinta; ou sou um médico prático, então o que me interessa é um bom resultado clínico ou sou um experimentador, então entro em uma minuciosidade que também teria que ter para minhas histórias clínicas. Porque as histórias clínicas com o que busco, são o resultado prático, uma coisa objetiva não anoto com minuciosidade cada sintoma, cada modalidade, por outro lado vou ser investigador homeopata, então faço um protocolo e tudo mais minucioso, cheio de detalhinhos, porque não faço isso com meus enfermos! Na verdade estou fazendo patogênese todos os dias na minha atividade clínica.

---

## LEGENDAS

- Confuso ou Interrompido
- P- Pergunta
- \* - Inaudível na fita
- R- Resposta (em itálico)
- NE - Nota do editor

## NOTAS DO EDITOR

<sup>1</sup>É muito importante que o leitor leve em consideração as dificuldades para se fazer uma transcrição/ tradução precisa de um Evento como este. Ao editá-lo procuramos preservar o texto com a sua máxima originalidade possível, porém como ele foi concebido a partir da expressão oral dos participantes, haviam trechos da fita inaudíveis e ou confusos.

<sup>2</sup>Para Elizalde existem três níveis em que a arte homeopática pode ser desenvolvida : o primeiro nível corresponde a tentativa de modalizar o sintoma clínico propriamente dito tentando "paliar" localmente a

manifestação mórbida. O segundo nível corresponde a prática de chegar-se ao aspectos caracterizantes da enfermidade individualizante usando como recurso técnico o clássico mosaico de sintomas. O terceiro nível — o mais complexo e difícil de ser alcançado em nosso atual estágio de desenvolvimento é aquele que busca o essencialmente individualizante no enfermo: seu conflito existencial e metafísico para através da compreensão igualmente profunda de um medicamento homeopático buscarmos um medicamento que estabeleça uma correção na disritmia individual e assim uma cura profunda.

<sup>3</sup> Do grego *noumenon*, inteligível. Segundo I. Kant "se admitirmos que coisas que sejam puros objetos de entendimento e, no entanto possam ser dadas a uma intuição sem o poder ser a intuição sensível, cumprirá chamar estas coisas de númenos." (Crítica da Razão Pura)

<sup>4</sup>Para maiores informações sobre o tema consulte a Acta del Instituto de Altos Estudios Homeopáticos "James Tyler Kent" ano I No 4, 1985. pág. XXXVIII

<sup>5</sup>Conservamos os comentários mais marcantes já que a transcrição de todo o caso com a sua respectiva evolução — em função de sua extensão — foi impossível de se realizar.

<sup>6</sup>Esta paciente depois de iniciar o tratamento com *Nux moschata* (baseado no cruzamento de sintomas mentais característicos, sonhos e alguns sintomas locais peculiares não evoluiu bem e entrou em processo de agudização da sua patologia além de não ter apresentado nenhuma evolução miasmática favorável. Repertoriando a agudização (ou esta má agravação) que a paciente apresentou chegamos a uma tela de repertorização que nos conduziria a *Belladonna* ou *Arnica montana*. Em função do que havia sido discutido a nível temático, resolvemos optar pela administração de *Arnica montana*. O resultado foi uma melhora clínica espetacular com *agg.* inicial; seguida de melhora de todos os sintomas, com uma melhora animica evidente. Esta paciente encontra-se atualmente em fase de rastreamento de potência, sua última dose foi ao redor de C 250.000.

<sup>7</sup>Médico homeopata argentino

<sup>8</sup>Ou a língua original com que a patogênese foi realizada

<sup>9</sup>Indivíduo cujo provável *simillimum* corresponde a *Arsenicum album*.

<sup>10</sup>Quem realizou a pesquisa foi o Dr. Henrique Stiefelmann

## Patrocínio

- Homeopatia
- Florais de Bach originais, Califórnia, Austrália, Pacífico, Minas e outros;
- Medicamentos Wieditz
- Oligoelementos • Fitocosméticos
- Produtos Naturais e Dietéticos



ATENDIMENTO FARMACÊUTICO PERMANENTE

FONE/FAX: 816-0737

Rua Harmonia, 1.265 – Sumarezinho – São Paulo – SP



FARMÁCIA E LABORATÓRIO HOMEOPÁTICO  
**ALMEIDA PRADO LTDA.**

Praça Benedito Calixto, 133  
Fone: 280-6311 • São Paulo • SP



**Alquimista** Farmácia Homeopática Ltda.

STELA M. GARBI  
Farmacêutica Responsável

RUA ITAPICURU, 653  
CEP 05006-000 – PERDIZES – SP – TEL.: 263-1445



Farmacêutica Responsável:  
**Susan de Melo Farhat**

Especializada em:

- Manipulação de Medicamentos Homeopáticos
- Fitoterápicos • Cosméticos Naturais
- Chás Medicinais e Medicamentos Antroposóficos
- Produtos Naturais • Oligoelementos

Travessa Portugal, 19 – Bela Vista – tel.: 445-6802 – fax: 445-2198  
CEP 09040-020 – Santo André – SP



A pioneira em Moema, há 14 anos  
trabalhando com medicamentos  
alternativos e produtos naturais.

Qualidade e confiança não se  
conseguem de um dia para outro.

CURSOS, ESPAÇO CULTURAL, LIVRARIA ESPECIALIZADA E O MELHOR ATENDIMENTO

• Alameda dos Nhamboquaras, 402 • Avenida Paes de Barros, 1491  
Moema - Fone/Fax: 573-9324 • Mooca - Fone: 8128-1844



**HOMEOFARMA CRISTAL**

Farmácia Homeopática

Rua Domingos de Moraes, 1382  
Vila Mariana – SP – Tel.: 570-7919



FARMÁCIA HOMEOPÁTICA

Rua Cantagalo, 205 - Tatupé - CEP 03319-000  
(próximo à Praça Sílvio Romero) - Tel./Fax: 293-7362



PROPRIETÁRIA E FARMACÊUTICA

DENISE ZANERI

CRF - 10.048

Rua Loefgreen, 1338 - Tel.: 570-1427 - CEP 04640-030 - São Paulo - SP  
Estação Santa Cruz do Meno



Farmácia Homeopática **SATIVA** Ltda.

Dra. Maria de Lourdes Mayer Rodrigues  
Dra. Joyce C. Tawada

Farmacêuticas Responsáveis Especializadas em  
Homeopatia • Cosméticos Naturais

Florais de Bach • Califórnia • Austrália • Pacífico • Minas Gerais

**ENTREGAMOS À DOMICÍLIO**

Rua Amazonas, 650 - Esquina c/ Av. Goiás - Fone: 441-9288  
CEP 09520-060 - São Caetano do Sul - SP - Fone/Fax: 441-5392



Farmácia de manipulação homeopática

**ATENDIMENTO 24 HORAS**

Rua Joaquim Távora, 1524  
Vila Mariana - Tel.: 575-5607

